

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia  
Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* com vistas a Especialização na Abordagem Gestáltica  
Chancela da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO

**A CONFLUÊNCIA NA RELAÇÃO TERAPEUTA-CLIENTE NA PERSPECTIVA DA  
GESTALT-TERAPIA**

Vania Lucia Garcez Martins  
Marisete Malaguth Mendonça

Goiânia-GO  
Julho 2010

# **A Confluência na Relação Terapeuta-cliente na Perspectiva da Gestalt-terapia<sup>1</sup>**

## **The Confluence in Client-Therapist Relationship in the Perspective of Gestalt Therapy**

Vânia Lucia Garcez Martins<sup>2</sup>

Marisete Malaguth Mendonça<sup>3</sup>

**Resumo:** Trata-se de uma pesquisa de campo de orientação fenomenológica. Foi feita inicialmente uma descrição da teoria que tem relação direta com o conceito de Contato dentro da perspectiva da Gestalt-terapia, cuja finalidade visa facilitar a compreensão do tema investigado neste estudo. Os resultados foram obtidos mediante entrevista semi-estruturada, em um encontro consentido com os entrevistados onde foi gravada e, posteriormente, transcrita e enviada aos mesmos. O propósito deste trabalho foi verificar se o processo de Confluência do Terapeuta para com o Cliente acontece na prática clínica, se essa questão fosse afirmativa, como acontece e o que pode provocar sua emergência. Os resultados apontam, quase por unanimidade, que a Confluência por parte do Terapeuta aparece com frequência no curso da prática clínica, provocada, geralmente, pelo encontro da experiência do Terapeuta semelhante à experiência trazida pelo cliente. Essa semelhança tende a remeter o profissional à sua própria história, facilitando o aparecimento do contato confluyente no processo, mesmo quando se trata de gestalt-terapeuta com vasta experiência na área. Outro resultado obtido indica que este mecanismo é percebido pela quase totalidade dos participantes com possibilidade de ação dupla: os seus aspectos negativos se transformam em positivos quando o profissional consegue fazer a retirada do contato confluyente, guiado sempre pela awareness da vivência desse tipo de contato no momento em que ele se dá. Nessas condições, a Confluência é considerada como evento relacional natural e passível de ser utilizada para contribuir de forma benéfica com o processo terapêutico.

**Palavras-chaves:** Confluência, gestalt-terapeutas, clientes, experiências semelhantes

**Summary:** This is a field study of the phenomenological orientation. It was initially a description of the theory which is directly related to the concept of contact within the perspective of Gestalt therapy, aimed at facilitating understanding of the issue investigated in this study. Results were obtained through semi-structured, in a meeting where they agreed with the interviewees was recorded and then transcribed and sent to them. The purpose of this study was to determine whether the process of confluence of Therapist to you happens in clinical practice, if this question was yes, what happens and what can trigger their emergence. The results show, almost unanimously, that the confluence by the therapist appears frequently in the course of clinical practice, caused usually by meeting the experience of the therapist similar to the experience brought by the client. This similarity tends to refer to his own professional history, facilitating the appearance of confluent contact in the process, even when it comes to a Gestalt therapist with extensive experience in the area. Another result indicates that this mechanism is perceived by most participants with the possibility of dual action: its negative aspects become positive if the business can make a withdrawal from contact confluyente, guided always by the awareness of the existence of such contact in moment it occurs. Under these conditions, the confluence is considered natural and relational event that can be used to contribute beneficially to the therapeutic process.

**Keywords:** Confluence, Gestalt therapists, clients, similar experiences

---

<sup>1</sup> Estudo apresentado em 30 de julho de 2010, no Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT) como requisito para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* com vistas a Especialização na Abordagem Gestáltica.

<sup>2</sup> Psicóloga, especializanda em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT). Psicoterapeuta na Amparaço Clínica Terapêutica e Organizacional, situada em Ituiutaba MG, tel.: (34) 3261 0050. E-mail: vaniagmartins@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Gestalt-terapeuta e Mestre em Psicologia Clínica. Fundadora, diretora e supervisora do ITGT, com ênfase no Pensamento Clínico e na Metodologia Fenomenológico-Dialógica da Abordagem Gestáltica. Professora da PUC de Goiás e psicoterapeuta de adultos, casais, famílias e grupos na Gestalt Clínica. E-mail: marisetemalaguth@yahoo.com.br.

## **Introdução**

A Gestalt-terapia é a terapia do contato. O contato está entre as principais necessidades psicológicas do ser humano. O indivíduo privado de contato está sujeito a desajustes da personalidade ou até mesmo à morte, conforme apontam estudos realizados (Martín, 2008). Segundo Spangenberg (2004) o organismo está em contato quando desenvolve a dupla habilidade: a de diferenciação e a de relação. Isto é, mantém a sua identidade e relaciona-se com o ambiente que o contém, ao mesmo tempo. Para Ribeiro (2007) “Alguém absolutamente só não teria nem mesmo consciência da sua realidade, pois é pelo contato com o outro que me percebo como existente” (p.11).

Tendo em vista que o processo terapêutico consiste na relação e origina-se no contato, supõe-se que é possível haver o mecanismo de confluência entre terapeuta e cliente. Sendo a relação terapeuta-cliente o aspecto mais importante da psicoterapia, existe a possibilidade de eventos da experiência do cliente remeter o terapeuta à sua própria história. Partindo dessa perspectiva, o objetivo desse trabalho é compreender se o processo de Confluência acontece de fato na prática clínica, como acontece e em quais circunstâncias.

Descreve-se a seguir a teoria que tem relação direta com o conceito de Contato, cuja finalidade visa uma boa compreensão do objeto deste estudo: o mecanismo da Confluência por parte do Terapeuta na prática clínica.

### **1. Contato e Fronteira do Contato**

Perls (1977) salienta que todo organismo necessita do ambiente para fazer trocas, ou seja, o organismo não é independente do ambiente. É nesse contexto que o autor introduz o conceito de fronteira do ego ou fronteira de contato. Segundo ele uma fronteira delimita alguma coisa, e a coisa tem suas fronteiras que é definida pelas próprias fronteiras em relação ao ambiente. Considera ainda, que o indivíduo tende a experienciar a fronteira como aquilo

que está dentro da pele ou fora dela. O autor considera esta visão pobre e questiona: quando o sujeito respira, será que o ar faz parte do mundo exterior, ou já faz parte dele (indivíduo)? Argumenta ele, pois, que a fronteira do ego não é algo fixo. Diz: “A fronteira do ego é muito peculiar e de enorme importância. Basicamente, chamamos de fronteira do ego a diferenciação entre o *self* e o outro” (p.22).

Ginger (1995) cita Perls (1973) que diz:

O estudo da maneira como uma pessoa funciona em seu meio é o estudo do que acontece na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. É nessa fronteira que os eventos psicológicos têm lugar. Nossos pensamentos, nossas ações, nosso comportamento, nossas emoções são nosso modo de experiência e de encontro com esses eventos de fronteira (p.127).

Ribeiro (2007) pensa o contato como uma questão energética, uma força viva responsável pelo movimento dos corpos e que funciona como instrumento ou processo pelo qual os corpos vivem e se inter-relacionam. Segundo o autor “Viver é estar em contato. Tudo no Universo está em contato, que é a chama da vida que se chama energia e aquece corpos e almas ou corpos-almas no encontrar e no satisfazer de suas necessidades através das quais finalizamos nossas gestalten” (p.11).

Sob esse viés, em contrapartida aos conceitos anteriormente mencionados, o mesmo autor prescreve outra forma de discussão sobre o contato, onde coloca que o universo é um campo, e o campo é o lugar de contato. Segundo ele, quando se diz que o contato se dá na fronteira implica imaginar que sempre existe uma fronteira onde quer que o organismo esteja, e tal fato, conforme ele acredita, pode ser delimitador das atitudes ou comportamentos humanos. O autor completa: “O campo é composto de micro-áreas físicas e psicológicas e nele existem fronteiras e contornos. A fronteira tem de ser pensada como o lugar do encontro das diferenças e não como algo que determina o contato” (p.12). Conforme ele salienta, assim

como tudo no universo, o organismo é um campo com linhas e contornos, e diante disso, o campo primeiro e mais importante é o seu corpo físico e psíquico, o qual constitui o espaço vital do indivíduo, e reflete as energias que emanam do mesmo campo.

Enfim, de acordo com Ribeiro (2007), o corpo é, portanto, sujeito e objeto do contato que este contato se dá em diversos níveis, gerados, primeiro, pela percepção subjetiva que a pessoa tem de como se relaciona com o outro, e, segundo, de como a realidade objetiva é captada pela sua subjetividade. Portanto, para duas pessoas em contato, a noção de contato pode funcionar, conforme aponta o autor, nos níveis: da identidade (percepções reconhecidas como idênticas); da analogia (percepções reconhecidas como parecidas); da equívocidade (percepções reconhecidas como completamente diferentes). Nas palavras do autor “Logo, é simplista afirmar que o contato se dá na fronteira, como se a fronteira fosse o único lugar de contato e como se isso explicasse a realidade complexa do processo de contato. O contato é uma provocação da realidade e ocorre entre duas realidades disponíveis para o encontro” (p.13).

Polster e Polster (2001) acreditam, contudo, que o contato acontece mesmo é na fronteira, onde é mantido o senso de separação, e que este senso de separação protege a pessoa quando esta arrisca sua existência independente ao entrar em contato com o “outro”. Ou seja, em uma interação em que exista a fronteira o sujeito sente ambos, o contato e o isolamento. Os autores reafirmam a posição de Perls de que a fronteira de contato é o órgão da relação organismo/ambiente, é o ponto em que o indivíduo experiencia o senso do próprio “eu”, e do que é “não-eu”. Por isso, entende-se que é importante ressaltar o papel do contato no processo de Confluência. Significa que a experiência de confluir pode ser percebida, muitas vezes, como uma modalidade de contato em que o sendo de “eu” acha-se diminuído ou ausente.

Desde o nascimento, o homem se torna um ser separado desejoso de união com alguém ou algo diferente dele. Para que haja união há que existir o senso de separação, e é este o paradoxo que o homem busca constantemente resolver, conforme apontam Polster e Polster (2001). De acordo com os mesmos autores o contato não se restringe às relações interpessoais e às coisas físicas, pode ser feito e experimentado plenamente também por meio de memórias e lembranças ou mesmo com objetos animados e inanimados - é contato, por exemplo, quando se ouve o silêncio de uma caverna ou se vê o pôr-do-sol.

É necessário o encontro de duas fronteiras diferenciadas para que o contato possa ocorrer. A diferenciação faz a distinção entre um organismo e outro, ou distingue o organismo de algum objeto do ambiente, ou ainda o organismo e alguma característica nova dele mesmo. E cada uma das figuras de interesse ou cada uma das figuras visivelmente diferentes possui o contorno, a fronteira quer seja espacial ou dinâmico, ou não poderiam se formar figuras e nem poderia haver contato (Polster e Polster, 2001). Esta fronteira deve ser permeável, possibilitando trocas, porém com determinada firmeza, a fim de garantir autonomia.

De acordo com estes autores, “as fronteiras do ser humano, as fronteiras do eu, são determinadas por toda a amplitude de suas experiências na vida e por suas capacidades internas de assimilar a experiência nova ou intensificada” (p.120). É a fronteira daquilo que para a pessoa é possível ou tolerável. Estas fronteiras são: fronteiras do corpo, fronteiras de valor, fronteiras de familiaridade, fronteiras expressivas e fronteiras de exposição.

A fronteira do eu define o comportamento, pensamento, tipos de relações, valores, ambientes, etc. com os quais a pessoa se sente livre e disposta a se envolver, tanto no que diz respeito ao mundo externo quanto aquilo que esse envolvimento pode despertar no seu interior, incluindo a percepção dos riscos que está disposta a correr, obtendo ganhos ou gerando conseqüências carregadas de novas exigências com as quais poderá ou não saber lidar.

Segundo os referidos autores muitas pessoas se privam de estar nas oportunidades que a vida lhes oferece, ou seja, vivem à margem do crescimento de suas vidas, visto que necessitam da previsibilidade do resultado de suas ações que as impede de ir além das formas de comportamento costumeiras e transitar em terrenos menos conhecidos.

Desse modo pode-se inferir que também na relação terapeuta-cliente, onde se estabelece o contato entre dois seres diferenciados - “eu” e o “não-eu” - a fronteira é inevitável e o conseqüente processo de mudança pode ser vivido com maior ou menor grau de ‘ameaça’ à integridade e individualidade dos elementos envolvidos.

## **2. As Funções de Contato**

Segundo Aguiar (2005), as funções de contato são canais que possibilitam o contato do indivíduo com o meio viabilizando a este (indivíduo) estabelecer a troca que favorece-lhe receber, exprimir e endereçar coisas para o mundo. A autora cita que Polster e Polster (2001) descrevem sete funções de contato: visão, audição, tato, paladar, olfato, linguagem e movimento corporal. E que estes assinalam que o bom contato não é relativo às funções de contato nele envolvidas, e sim o modo como alguém utiliza esta ou aquela função de contato. Sob esta ótica, as funções de contato articulam-se de forma variada e embora todas estejam em jogo, algumas mais que outras se apresentam de forma predominante de acordo com a situação vivenciada, além de configurar-se de forma singular em cada ser humano.

Estas funções bem desenvolvidas possibilitam à pessoa estabelecer uma modalidade saudável com o mundo e consigo mesma, e assim, assegura-lhe mais alternativas de ajustamentos criativos (Aguiar, 2005).

## 2.1. Mecanismos de Evitação do Contato

Foi visto que Perls (1985) afirma que o indivíduo tende a ajustar-se da melhor forma possível às circunstâncias do meio, numa constante busca de equilíbrio físico, psíquico e social para atender suas necessidades emergentes que por sua vez emergem no contato.

Se a pessoa sente que é respaldada nos seus esforços e percebe que o ambiente se movimenta no sentido de atender suas demandas, ela se sente potente, auto-confiante e enfrenta o ambiente com coragem e ousadia. Todavia, se o ambiente contradiz os seus anseios de conseguir o que deseja, ela entra num impasse e confusão de sentimentos perturbadores que culminam no desenvolvimento de padrões disfuncionais e insatisfatórios que desencadeiam formas específicas de lidar com o mundo e consigo mesma, interrompendo o curso saudável da satisfação de necessidades. (Aguiar (2005).

É vasta a nomenclatura utilizada na literatura da Gestalt-terapia no que se refere aos mecanismos de evitação do contato, a saber: resistência, mecanismos de bloqueio de contato, distúrbios da fronteira de contato, conforme aponta Aguiar (2005). Neste estudo deu-se preferência ao termo *mecanismo de evitação de contato*.

Aguiar (2005) cita os autores da Gestalt que discorrem sobre este assunto e destacam sete modalidades de evitação de contato: introjeção, projeção, confluência, retroflexão, deflexão, proflexão e egotismo. São eles: (Perls, (1977); Ginger (1995); Perls, Hefferline & Goodman (1997); Polster (2001); Rodrigues (2000), conforme informa a autora.

Entre os mecanismos de evitação de contato, acima mencionados, será conceituada somente a Confluência por se tratar do tema eleito para este estudo.



### 3. A Confluência

A Confluência, segundo Malaguth<sup>4</sup>, acontece quando o indivíduo não sente barreiras entre si mesmo e o outro ou o mundo. Assim, há a “dissolução” da fronteira de contato, ficando obscuro o limite estabelecido entre ele e aquele com o qual está em Confluência. Este tipo de contato, segundo a autora, está na relação das principais resistências clássicas, onde ocorre a diminuição do self, abolição da fronteira entre o indivíduo e seu meio, momento que é sentido que ele e o outro, ou ele e o ambiente são apenas um (comunicação escrita, 27 Julho 2010).

Como já mencionado o contato se refere às relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com o mundo, e a partir da forma como estabelece o contato esboça a maneira como vivencia os fenômenos. A Confluência ou Contato Confluyente como também é denominado neste trabalho, é um fenômeno e constitui-se numa das formas do indivíduo se relacionar. O organismo, conforme aponta Polster e Polster (2001), investe sua energia para fazer o contato ou para resistir a este. Isso significa que o homem é um ser social que modifica o meio e é modificado por este também. Assim sendo, o indivíduo vai ter delineada sua estrutura que se forma da sua realidade interna, de acordo como vivencia os contatos que estabelece com o ambiente, os significados a estes atribuídos e conseqüentemente como os incorpora ou assimila. Estas características são inerentes a todos os indivíduos, conforme aponta Castelo e Moraes (2009).

Nessa perspectiva, vale salientar a Teoria de Campo como prescreve Yontef (1998) “eventos, experiências, objetos, organismos, e sistemas são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis, que em conjunto formam uma fatalidade unificada, interativa e contínua” (p.210). Assim, pode-se inferir que todo fenômeno que acontece e tudo que existe está inserido no campo de inter-relações que se inter e intracruzam. Portanto, todo fenômeno é parte de um todo (campo) dinâmico que se modifica e

---

<sup>4</sup> Citação apreendida a partir de comunicação escrita em orientação , em 27 de Julho de 2010.

se compõe no tempo e no espaço, e deve ser compreendido como parte desse todo, e não de forma isolada (Castelo e Moraes, 2009). Diante do que foi dito, acredita-se ter jogado mais luz no objetivo de se compreender a dinâmica em que acontece a Confluência, um dos mecanismos de evitação do contato, já citado anteriormente, fenômeno este que está sob investigação neste estudo.

A observação desses mecanismos ou resistência como também é conhecido na literatura, é preocupação essencial para a Gestalt-terapia, a qual, diferentemente de outras abordagens, entende tais processos como parte da totalidade da experiência do organismo, e constitui-se, geralmente, como uma reação saudável de adaptação, o qual deve ser abordado no sentido de torná-los. mais conscientes, mais explícitos e adaptados à situação do momento. Segundo afirmam Polster e Polster (2001) somente sua exacerbação ou principalmente sua cristalização pode ser reconhecido como comportamento neurótico.

Pode se observar, pois, que o Contato Confluyente é um fenômeno passível de estar presente nas relações. Compreender se acontece e como se dá a Confluência na prática clínica é o interesse primordial desta pesquisa, por isso, considera-se relevante clarificar alguns aspectos importantes relativos a esta arte de viver: o contato.

Castelo e Moraes (2009) citam Ginger e Ginger (1995) que especificam o contato como processo. Trata-se, aqui, não do contato estabelecido, mas do estabelecimento do contato do organismo com o objeto de forma processual, usando ações para entrar em contato de acordo com as figuras e fundos dominantes naquele momento. De acordo com Ribeiro (1997, p.14), citado por Castelo e Moraes (2009), “o corpo é o que determina as possibilidades e limites do contato, de tal modo que as leis que regem o corpo são as leis cuja compreensão nos indica processos que proporcionam um contato de maior ou de menor qualidade”.

O contato sob o olhar dos referidos autores, a saber, Ginger e Ginger (1995) é dividido em quatro fases: o pré-contato; tomar contato; contato pleno e pós-contato. Para entender o conceito de cada um desses conceitos o leitor pode recorrer à bibliografia indicada neste estudo.

O contato pode ser compreendido também em ciclo, conforme apresenta Ribeiro (2007) a partir de um conjunto de construtos – conceito de Campo, de ciclo, de círculo, de mecanismo de cura e bloqueio do contato e de *self* - o que ele chama de Teoria do Ciclo do Contato onde mostra os nove processos que define como fatores de cura: fluidez, sensação, consciência, mobilização, ação, interação, contato final, satisfação e retirada. Apresenta também, igualmente, os nove bloqueios de contato: Fixação, Dessensibilização, Deflexão, Introjeção, Projeção, Interação, Retroflexão, Egotismo e Confluência.

Conforme já mencionado, aqui se dá prioridade à Confluência, e termos subjacentes. Assim sendo, somente este processo é conceituado mais adiante, sob o ponto de vista dos dois autores apresentados, respectivamente.

Antes de passar ao conceito propriamente dito, considera-se importante ressaltar a relação entre contato e saúde. Segundo Ribeiro (2007) o processo de mudança ocorre na terapia na razão em que terapeuta-cliente fizerem contato com suas totalidades e não apenas com seus sintomas. Esta totalidade é, geralmente, quebrada pela rotina, respostas repetitivas que terminam por impedir a pessoa de discriminar o que sente, faz ou diz, e é nesse contexto que se dá as interrupções do contato, as quais, sendo contínuas e perturbadoras formam as chamadas resistências ou mecanismos de evitação do contato, conforme é apresentado neste estudo. Esta é a maneira desesperada que a pessoa encontra de manter a regulação-organísmica-eu-mundo, com a finalidade de tentar a possibilidade de se equilibrar, conforme aponta o mesmo autor.

“Contato é saúde. Saúde é contato em ação. Qualquer interrupção do contato implica em perda na saúde”, ressalta Ribeiro (2007 p.53). Na opinião do autor doença implica na perda da totalidade, implica a necessidade e o grito desesperado de retorno ao meio. A doença é relacional. Não existe a doença em si, o que existe é a negação de parte da energia da totalidade, é admitir a existência do nada. Deve-se ponderar a doença ou sintoma em consonância com a pessoa e com o campo total no qual ela existe, por isso, deve-se tratar, não a doença, mas a pessoa adoecida.

Dessa forma, segundo acredita o autor supracitado, é com base no “contato” que realiza-se uma concepção de vida e existência. De acordo com ele, a teoria gestáltica se apóia no conceito de contato, que por sua vez refere-se à formação e transformação de gestalten. Entretanto, ressalta o autor, é preciso fechar a gestalt, pois só assim, quando nada ficou em aberto o processo segue seu curso e o contato é sentido. Ou seja, “fechar gestalten é o caminho da saúde, pois, quanto mais gestalten incacabadas se tem, menos saudável se é e mais pobre é o contato. (...) Significa encontrar o próprio sentido, a própria fisionomia: é tornar-se senhor de si mesmo.” (p.55).

Passa-se agora ao conceito, propriamente dito, de Confluência. Segundo Ribeiro (2007) no processo de Confluência impera o nós. “Nós existimos, eu não” (p.62). O autor assim a define:

Processo através do qual me ligo fortemente aos outros, sem diferenciar o que é meu do que é deles; diminuo as diferenças para sentir-me melhor e semelhante aos demais e, embora com sofrimento, termino obedecendo a valores e atitudes da sociedade e dos pais. Gosto de agradar aos outros mesmo não tendo sido solicitado e, temendo o isolamento, amo estar em grupo, agarrando-me firmemente aos outros, ao antigo, aceitando até que decidam por mim coisas que me desagradam (p.62-63).

Ginger e Ginger (1995) consideram que a confluência é um estado de não-contato, de fusão por ausência de fronteira. O *self* – estilo pessoal, maneira de ser reagir em dado momento e campo (Aguilar, 2005) - não pode ser identificado. O autor exemplifica: a criança pequena está em confluência *normal* com sua mãe. A confluência é seguida da retração ou retirada que permite ao sujeito retomar sua fronteira de contato, reencontrar sua própria identidade – a singularidade. Somente quando se apresenta difícil ou crônica, o funcionamento pode ser qualificado de patológico.

De acordo com Ribeiro (1997) citado em Castelo e Moraes (2009), a Retirada é o “processo pelo qual saio das coisas no momento em que sinto que devo sair, percebendo o que é meu e o que é dos outros, aceito ser diferente para ser fiel a mim mesmo, [...], procuro o novo e convivo com o velho de uma maneira crítica e inteligente” (p. 48). Os autores comentam que a partir do processo da retirada a pessoa consegue perceber que é diferente do *outro*, percebe que tem idéias, pensamentos e opiniões divergentes, e a despeito disso, se aceitam e são fiéis a si mesma e às suas necessidades. Dessa forma, o indivíduo sente que está apto a entrar e sair de um contato no momento que lhe for conveniente, respeitando o outro, mas não se subordinando a ele (Castelo e Moraes, 2009). Ou seja, ele não se sente ameaçado de arriscar e de perder o *self*.

Como se vê, o estabelecimento do contato ocorre numa fronteira relacional bastante fluida e dinâmica, onde confluência e retirada se encontram numa dança constante. O que estamos defendendo aqui, é que a fluidez dessa fronteira de contato também acomete a relação terapêutica, podendo haver, em muitas das vezes, a confluência entre cliente e terapeuta, ainda que este último esteja ciente da necessidade de se completar o processo de retirada.

É sobre este processo de confluência que recai nosso interesse, motivando a investigação que se apresenta a seguir.

## **4. Método e Procedimentos Aplicados na Pesquisa**

### **4.1 Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi (1985)**

Este estudo é uma pesquisa qualitativa que utiliza o método fenomenológico de Amadeo Giorgi (1985).

Segundo Moreira (2002), este método consta de quatro etapas. Exemplificando com o tema desta pesquisa, a descrição destas etapas será o seguinte: o primeiro procedimento é a leitura da entrevista transcrita de cada participante, a fim de se obter o sentido geral do que foi relatado. Num segundo momento, identificam-se as unidades de sentido da experiência da Confluência. Em um terceiro momento, deve-se discriminar as unidades de sentido inerentes ou diretamente relacionadas à experiência da Confluência do Terapeuta. E finalmente, procede-se a uma descrição sucinta de todas as unidades comuns aos participantes, dando formato à estrutura da experiência do processo de confluência do Terapeuta para com o Cliente.

### **4.2 Procedimento**

Para a realização deste estudo utilizou-se como instrumento a entrevista semi-estruturada. O primeiro contato foi feito via e-mail para fazer o convite para participar da amostra da pesquisa. A proposta foi trabalhar com uma amostra de dez gestalt-terapeutas que tivessem, no mínimo, cinco anos de atuação em atendimento clínico nesta abordagem. Posteriormente, mediante as respostas afirmativas, foi feito o segundo contato por telefone para agendar o local, o dia e horário do encontro para realização da entrevista.

Dos dez convidados, sete aceitaram participar e foram entrevistados, sendo todos do sexo feminino. Destes, seis atuam em Goiânia e uma na cidade de Uberlândia,

respectivamente representadas nos resultados por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, conforme a ordem de realização das entrevistas.

Para a entrevista foi utilizada uma folha (Anexo A) contendo um texto sucinto sobre o conceito de Confluência (Fadiman; Frager,1986), por entender que poderia ser um suporte para o participante se atualizar com o conceito, caso sentisse necessidade. Abaixo do texto, na mesma folha, estavam três perguntas norteadoras da entrevista. Este material foi entregue para o participante ler inicialmente, e logo após deu-se início à entrevista que foi gravada, transcrita, conforme consta nos anexos deste estudo, e posteriormente enviada aos mesmos. Por último, foi apresentado e assinado o Termo de Consentimento da pesquisa (Anexo B).

Conforme já mencionado, como método de análise foi utilizado o método fenomenológico de Amadeo Giorgi (1985), descrito acima.

Para organizar as etapas de compreensão dos discursos, foram confeccionadas duas tabelas. A tabela 1 apresenta a primeira e a segunda etapa da análise, contendo fragmentos da fala de cada participante e a unidade de sentido decorrente. A tabela 2 discrimina os dois últimos passos tomados pela pesquisadora para se chegar à discussão final. Nesta, a pesquisadora fez o agrupamento das unidades de sentido que mais vezes se manifestam na fala dos entrevistados, originando 12 unidades que constituem a estrutura da experiência dos participantes. Estas tabelas serão apresentadas a seguir. Será também apresentado um quadro intitulado Figura 1, em que constam todas as unidades de sentido presentes nos sete participantes, de modo a permitir uma rápida visualização dos resultados completos obtidos na pesquisa. A discussão terá como base os conceitos teóricos que fundamentam este estudo.

## 5. Resultados e Discussão

Nota: T = Terapeuta C = Cliente

Tabela 1	
Participante 1 (P1)	
Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)	
1ª etapa: Transcrição da entrevista	2ª etapa: Unidade de sentido
Fragmento 1 ...eu acho que já vivi situações em que eu perdi um pouco o controle...	US1: Percepção clara de vivência da Confluência
<b>Fragmento 2</b> “...Mas a semelhança Vânia é uma coisa que eu fico muito atenta, sabe... porque eu tenho receio de que acabe misturando sem que eu perceba... ...quando eu percebo que tem algum tema em que a vivência do cliente é muito parecida com a minha, eu fico muito atenta”	US2: <b>Atenção à emergência</b> de experiência semelhante entre T e C pelo receio de que a semelhança leve à Confluência
<b>Fragmento 3</b> “a semelhança ela tanto pode ser extremamente útil., porque você já esteve naquele lugar e de certo modo você entende o que o cliente está passando...” “a semelhança é uma coisa que eu fico muito atenta, porque eu tenho receio de que acabe misturando sem que eu perceba...”	US3: Percebe a semelhança com dupla <b>consequência:</b> terapêutica(entender melhor o C) e não terapêutica(misturar-se com o C)
<b>Fragmento 4</b> “então, eu via que ficava querendo que ela separasse..” “parece que eu tentei resolver o meu problema através dela ...”	US4: A semelhança pode <b>desfocar</b> o terapeuta, que tende a busca a própria solução e não a do cliente
<b>Fragmento 4</b> “tem o aspecto saudável... de você aproximar da experiência da outra pessoa... Eu acho que a pessoa se sente muito compreendida”	US4: Aspecto terapêutico da semelhança: o C se sentir compreendido
<b>Fragmento 5</b> “eu acho que nessa situação específica a supervisão é muito importante...a supervisão que me ajudou a dar o rumo que precisava dar “	US5: “A supervisão como instrumento de solução do contato <b>confluyente</b> sem retirada <b>ou retração</b> ”
<b>Fragmento 6</b> “eu estou muito ligada, porque eu sei	US6: Importância de estar <i>aware</i> da semelhança e usar a postura



que essa semelhança entre o nosso jeito... eu tenho que estar o tempo todo checando”	fenomenológica de voltar à experiência do sujeito.
<b>Fragmento 7</b> “É igual quando a gente atende alguém da mesma religião...”	US7: “A semelhança <b>de crenças</b> leva necessariamente à confluência”
<b>Fragmento 8</b> “a questão não é aproximar, é não saber voltar... eu acho ruim não é eu conseguir aproximar é não conseguir me afastar.”	US8: “ <b>O fundamental é o contato confluyente ser seguido da retirada, a semelhança ser seguida da diferenciação</b> ”
<b>Fragmento 9</b> “Eu tenho feito muito assim, cada cliente no fim da tarde eu anoto, não deixa de ser uma supervisãozinha que eu faço ...”	US9: A importância da revisão sistemática da sessão: terapeuta <i>awareness</i> da qualidade do processo terapêutico
<b>Fragmento 10</b> “... a semelhança, ela pode ajudar a você incluir”... “o remédio da confluência é a diferenciação”	US10: <b>Confluência seguida de retirada se aproxima do contato por inclusão</b>
<b>Fragmento 11</b> “ eu não era principiante... foi uma escorregada mesmo”	US11: <b>O tempo de</b> experiência profissional não elimina a possibilidade da confluência do terapeuta
<b>Fragmento 12</b> isso é coisa de ser humano, eu penso isso... nós não temos que ficar preocupados em não confluir, nós todos somos humanos... e em algum momento aquilo que o outro fala..	US12:A condição humana <b>comum</b> leva necessariamente à confluência
<b>Fragmento 13</b> Quando você falou da sua filha, imediatamente isso capta a minha experiência, né?... não tem como eu bloquear isso.	US13: Confluência como inevitável se a experiência comum estiver no campo
<b>Participante 2 (P2)</b> <b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>	
<b>Primeira etapa:</b> <b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Segunda etapa:</b> <b>Unidade de sentido</b>
<b>Fragmento 1</b> “Já. No início da profissão era mais comum... eu embolava e ficava difícil separar... “Hoje com a experiência é mais fácil separar”	US1: O tempo de experiência do T reduz Confluência em temas semelhantes ao do C
<b>Fragmento 2</b> “Mas mesmo assim ainda acontece... quando eu me pego eu acho que estou meio misturada”	US2: O tempo de experiência não elimina essa possibilidade
<b>Fragmento 3</b> “...uma rotina minha muito antiga, geralmente, ao final das sessões... dar	US3: Importância da revisão sistemática da sessão

uma paradinha...verificar como que eu estive naquela relação”	
<b>Fragmento 4</b> “eu sou muito corporal... o cliente descreve uma dor profunda e diz que ‘tem um aperto aqui no meu peito’, é como se imediatamente o aperto viesse para o meu peito também”	US4: Confluência corporal (independente da experiência semelhante)
<b>Fragmento 5</b> “não sei te responder se é uma inclusão...eu sinto a dor física do cliente... só consigo saber que aquela dor não é minha... Se eu vou visitar um doente eu saio mais ou menos com aquela dor...”	US5: Confluência corporal (independente da experiência semelhante)
<b>Fragmento 6</b> “eu me emociono junto com o cliente... com o choro...”	US6: Confluência emocional (independente da experiência semelhante)
<b>Fragmento 7</b> “ela (a cliente) estava descrevendo uma realidade muito próxima da minha...eu me peguei batendo papo e... eu misturei”	US7: Confluência ante a experiência semelhante
<b>Fragmento 8</b> “eu acredito que nós somos atraídos pela confluência quando realmente é algo que está ligado a nossa experiência... o campo tem mais chance de me atrair”	US8: Confluência como inevitável se a experiência comum estiver no campo
<b>Fragmento 9</b> “o perigo é você confluir e não conseguir separar...de preferência fazer essa separação durante a sessão... ter esse cliquezinho rápido”	US9: Necessidade de contato confluyente e retirada durante a sessão
<b>Fragmento 10</b> “mais... muito mais...” (frequência da confluência com terapeuta iniciante)	US10: Confluência mais frequente com T iniciante
<b>Fragmento 11</b> “um dos papéis principais da supervisão do iniciante é exatamente ajudar o terapeuta iniciante a fazer essa separação do que é seu e do que é do cliente”	US11: Importância da supervisão como instrumento para lidar com o contato confluyente sem retirada
<b>Fragmento 12</b> “hoje bem menos... mas acho que hoje bem menos... (o terapeuta) tem mais o eixo, tem mais essa separação... hoje vem coisas que... não vai contribuir em	US12: O tempo de experiência do T ajuda a fazer a retirada quando acontece a confluência

nada na relação terapêutica..., aí você não conflui, você retira, porque às vezes não é a serviço do cliente”	
<b>Fragmento 14</b> “...você é humana, você tem problemas de cá, o perigo é você não conseguir separar, esse é o perigo, tem que haver diferenciação... Agora, eu não vejo problema em confluir, o problema é não perceber que confluiu... Eu não vejo mal nisso... eu acho possível de acontecer e por isso não vejo nenhum mal...”	A confluência inevitavelmente acontece e não representa problema desde que se tenha consciência e consiga retornar
<b>Fragmento 15</b> Agora, eu não vejo problema em confluir, o problema é não perceber que confluiu... Eu não vejo mal nisso... eu acho possível de acontecer e por isso não vejo nenhum mal...	US15: A Confluência inevitavelmente acontece e na representa problema desde que se tenha consciência e consiga retornar
<b>Participante 3 (P3)</b> <b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>	
<b>Primeira etapa:</b> <b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Segunda etapa:</b> <b>Unidade de sentido</b>
<b>Fragmento 1</b> “eu não estou me lembrando de nenhum caso... de confluência...”	US1: Participante não reconhece Confluência nos seus atendimentos
<b>Fragmento 2</b> “você está me dizendo que você identificou mas não chegou a confluir... ou chegou a confluir...”	US2: Discrimina identificação de Confluência
<b>Fragmento 3</b> “Acontece muito comigo de identificar mesmo... e agora de confluir... não estou tendo nenhuma lembrança...”	US3: Discrimina identificação de Confluência
<b>Fragmento 4</b> “na semana passada eu atendi uma pessoa... com a mãe UTI e como eu perdi a minha avó recentemente... processo todo de UTI, de infecções... então me fez ter a identificação desta perda. Mas foi uma identificação eu não cheguei a confluir”	US4: Discrimina identificação de Confluência
<b>Fragmento 5</b> “não teve uma confluência... foi muito	US5: Discrimina identificação de confluência

uma identificação, porque eu estava muito presa na minha sensação”	
<b>Fragmento 6</b> “vou ver na semana passada.... porque eu acredito que tem muito mais um afastamento meu do que uma confluência...”	US6: Constata que a semelhança ou a identificação leva a um afastamento do cliente e não a uma confluência
<b>Fragmento 7</b> “Vai ser eu viu Vânia que não confluí... vai ser eu na sua pesquisa ...Como fica para você se eu não tiver nada para te falar?”	US7: Participante se sente incomodada de ser a única da pesquisa que não percebeu a confluência com os clientes
<b>Participante 4 (P4)</b> <b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>	
<b>Primeira etapa:</b> <b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Segunda etapa:</b> <b>Unidade de sentido</b>
<b>Fragmento 1</b> “É. Já vivenciei ...a história do cliente ou até uma dificuldade minha pessoal ... me pegou muito ...pega não é?”	US1: Confluência acontece com a natureza da história do cliente ou alguma dificuldade do terapeuta
<b>Fragmento 2</b> “Acho que entra muito a questão da supervisão, a importância da supervisão quando não estou sabendo captar aquilo que o cliente está me falando”	US2: A importância da supervisão como instrumento de solução do contato confluyente sem retirada
<b>Fragmento 3</b> “não estar investigando direito; como está o contato; como está a presença”	US3: A confluência impede intervenções terapêuticas produtivas
<b>Fragmento 4</b> “eu acho que não é que esbarra com a minha experiência! É muito diferente da minha experiência. Eu tinha uma dificuldade de escutar o que aquela mãe estava dizendo, coisas difíceis, pesadas”	US4: A dificuldade de escuta se dá não só pela Confluência, mas também quando surgem experiências muito diferentes e chocantes com os sentimentos e valores do terapeuta
<b>Fragmento 5</b> “Claro que eu só tive clareza disso depois... na supervisão...”	US5: Importância da supervisão como instrumento de solução do contato confluyente sem retirada
<b>Fragmento 6</b> “Tem uma amiga minha... que a gente, uma vez por semana, discute caso clínico”	US6: Importância da revisão do caso clínico: <i>awareness</i> da qualidade do processo terapêutico
<b>Fragmento 7</b> “a supervisão me ajudou muito”	US7: Importância da supervisão no contato confluyente sem retirada
<b>Fragmento 8</b> “eu acho interessante, que bom que acontece, que eu consigo perceber e identificar o que está acontecendo porque eu acho que não tem como não	US8: Confluência e outros mecanismos são inevitáveis e comuns no processo terapêutico, o importante é estar <i>aware</i> e fazer a retirada ou retração

acontecer... que bom eu conseguir identificar e vencer essa barreira com aquele cliente”	
<b>Fragmento 9</b> Então tem algumas situações que eu percebo assim, eu enquanto pessoa né... porque eu não estou lá só como terapeuta, mas atrás tem uma pessoa...	US9: vê que a Confluência inevitavelmente acontece, pois o terapeuta é também pessoa
<b>Participante 5 (P5)</b> <b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>	
<b>Primeira etapa:</b> <b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Segunda etapa:</b> <b>Unidade de sentido</b>
<b>Fragmento 1</b> “experiências que tocam nas minhas experiências e situações que estão no campo...são situações que me deixam em alerta para eu fazer essa separação	US1: Atenta à semelhança de experiências que estão no campo para evitar a Confluência
<b>Fragmento 2</b> “mas assim... de ir com o paciente e não fazer aquele lugar... de se colocar no lugar do terapeuta, sair com o paciente... que aí eu estou chamando de ser pego pelo campo”	US2: Receio confluir –ser pego pelo campo – e permanecer em Confluência não voltando para o papel de terapeuta
<b>Fragmento 3</b> “eu tive que ficar em alerta porque se não eu iria confluir.. aí foi um alerta para eu voltar para o meu lugar e fazer essa diferenciação, mas assim, no momento em que a situação estava acontecendo”	US3: Estar cônica da Confluência acontecendo, permite evitá-la, voltando o T para a sua função na sessão
<b>Fragmento 4</b> “agora eu estou aqui refletindo que não dá para você dizer ‘ah eu ia confluir aí eu parei... porque não é uma coisa assim tão separadinho. Então eu acho que a partir do momento que eu percebi provavelmente eu já estava lá...”	US4: <i>Awareness</i> da Confluência se dá durante o próprio contato confluyente
<b>Fragmento 5</b> “como era uma vivência parecida no meu fazer profissional... eu acabei fazendo... por isso eu estou vendo aqui, eu acabei fazendo uma intervenção porque eu estava lá no meio misturada”	US5: A semelhança incluindo a profissional, leva à Confluência
<b>Fragmento 6</b> “E aí ao fazer isso eu falei ‘opa, espera aí essa é a minha experiência, essa é a dela’, e então eu voltei	US6: A <i>awareness</i> se dá no próprio processo de confluir e é o que permite a retirada do contato confluyente.
<b>Fragmento 7</b> “mas são coisas que para mim é esse	US7: O T sofre necessariamente as influências do campo e fica mais

<p>termo assim... está no campo,...é se está no campo você está sujeito a influências ... E aí fica mais fácil... de acontecer a confluência. Então eu acho assim, a gente sofre as influências do campo, o tempo todo... não tem jeito”</p>	<p>vulnerável entrar em Confluência com o C.</p>
<p><b>Fragmento 8</b>  “Então, eu acho que, o terapeuta tem que ter essa atenção, não é não querer sofrer essa influência mas é ter consciência dessa influência que ele está sofrendo... então assim se eu não fico atenta poderia ser algo para confluir”</p>	<p>US8: Estar aware de si no campo é necessário para o T não confluir e poder separar o que é seu do que é do C</p>
<p><b>Fragmento 9</b>  Agora já aconteceu... de perceber que tocou em algum lugar meu; então assim se eu não fico atenta poderia ser algo para confluir... porque o perigo da confluência é essa de não conseguir diferenciar e não contribuir</p>	<p>US9: Necessidade de estar atenta quando tocado em coisas pessoais, pelo receio de que aconteça a confluência sem retirada</p>
<p><b>Fragmento 10</b>  Percebi que estava confluindo pela intervenção que fiz...para onde eu estava levando a cliente... essa intervenção é como se estivesse mais a serviço de mim do que da cliente.. e a levou a pensar numa coisa exatamente como eu pensei na época</p>	<p>US10: Confluência entendida como auto-centração do T na sua própria história, dificultando a escuta terapêutica e levando o cliente ao contato confluyente com o profissional</p>
<p><b>Fragmento 11</b>  “Nessa hora eu já tinha confluído...percebi rápido, mas já tinha confluído...”</p> <p><b>Fragmento 12</b>  ”Uma coisa que eu percebo na minha vida profissional...o terapeuta cheio de ferida, eu acho que ele acaba confluindo mais porque muita coisa do cliente volta...”</p> <p><b>Fragmento 13</b>  “À medida que fui fechando minhas feridas, meus atendimentos foram ficando melhores...para evitar a Confluência ou lidar melhor quando ela acontece”</p>	<p>US11: A <i>awareness</i> da Confluência sedá no próprio ato deconfluir</p> <p>US12: A Confluência se dá mais facilmente em T muito feridos</p> <p>US13:  Curar as próprias feridas é essencial para funcionar melhor como T, inclusive lidar melhor com a Confluência</p>
<p><b>Fragmento 14</b>  “...O perigo da confluência é você não</p>	<p>US14: Entende a Confluência se dando no igual e impossibilitando o contato</p>

contribuir, porque a confluência é ir para o igual e o contato se dá com o diferente”	que se dá na diferenciação e promove a transformação e o crescimento
<b>Fragmento 15</b> “acho que no início eu não contribuía com os meus paciente... Estou pensando aqui nessa cliente, a gente poderia ter virado amigas ao invés de uma relação terapêutica, e aí, ‘espera aí não é essa a proposta da terapia né”	US15: Para o T iniciante é mais difícil fazer a retirada quando acontece a Confluência, não contribuindo no processo terapêutico
<b>Fragmento 16</b> “Se você fica só confluindo, confluindo com o igual não acontece nada!”	US16: Confluência permanente invalida o processo terapêutico
<b>Participante 6 (P6)</b> <b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>	
<b>Primeira etapa:</b> <b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Segunda etapa:</b> <b>Unidade de sentido</b>
<b>Fragmento 1</b> “já vivenciei isso na prática... muito parecida a dinâmica... naquele momento eu consegui, vivenciar com ela aquilo que eu havia vivenciado na minha experiência particular, e eu já não sabia se eu estava ligada na dor dela ou na minha dor.”	US1: Experiências semelhantes vivenciadas anteriormente pelo T levam ao processo de Confluência com o C
<b>Fragmento 2</b> “eu confluí para estarmos na mesma situação... a dor era única. Nós éramos uma mãe né.... com o útero dilacerado e recém-paridas”	US2: Confluência vista como identidade de situação vivida, levando a sentimentos idênticos
<b>Fragmento 3</b> “Eu me diferenciei dela quando percebi que a minha filha tinha sucesso...Então isso me ajudou a resgatar o meu cento, né? E a me diferenciar dela... a filha dela da minha”	US3: A retirada do contato confluyente se dando pela diferença externa e objetiva do contexto, ajudando o T a retomar a diferenciação com o C
<b>Fragmento 4</b> “Confluí na fantasia na fantasia de que a filha dela também teria sucesso”	US4: Confluência entendida como a fantasia de que resultado do C pode ser semelhante ao do T
<b>Fragmento 5</b> “Tudo o que o ser humano de alguma maneira vivenciar eu também já vivenciei. Nós confluímos por sermos seres humanos. Então a maior confluência que existe é que somos humanos”	US5: A condição semelhante do ser humano leva necessariamente à Confluência

<p><b>Fragmento 6</b>  “Na minha experiência em que eu me senti confluindo, o confluir para mim me ajuda a compreender a dor que o outro está sentindo... a confluência é vista de um aspecto positivo”</p>	<p>US6: Confluência vista como idêntica à Empatia</p>
<p><b>Fragmento 7</b>  “eu dei um exemplo para você da confluência saudável, eu percebi que eu fui, mas eu consegui me diferenciar”</p>	<p>US7: Confluência saudável como a <i>awareness</i> do contato confluyente e posterior retirada</p>
<p><b>Fragmento 8</b>  “Então eu acho que esse 1º momento, assim inicialzinho da Confluência, ele tem o aspecto positivo de eu conseguir visitar o mundo do outro”</p>	<p>US8: Aspecto positivo da Confluência descrito com o mesmo conceito da Inclusão</p>
<p><b>Fragmento 9</b>  "agora se eu permaneço no mundo do outro, se eu permaneço e não consigo resgatar a fronteira... Então, ela é ela e eu sou eu. Então depois, devagarzinho, eu fui diferenciando.”</p>	<p>US9: Necessidade da retirada do contato confluyente</p>
<p><b>Fragmento 10</b>  “E tive uma outra experiência... eu percebi que as lágrimas que desciam dos meus olhos não eram apenas pela filha dela, mas... pela morte de um paciente meu... eu não consegui me separar, separar o que era meu do que era da paciente”</p>	<p>US10: Confluência entendida como uma dor paralela à dor do C, por experiência de impacto emocional semelhante vivida recentemente.</p>
<p><b>Fragmento 11</b>  “eu disse para ela na primeira sessão, que se ela ficaria incomodada de procurar uma outra pessoa para atendê-la”</p>	<p>US11: T sem suporte para a escuta por estar vivendo situação recente de idêntico impacto emocional</p>
<p><b>Fragmento 12</b>  “talvez a questão seja em até que ponto o aspecto saudável da confluência né... não poderia facilitar o processo terapêutico”</p>	<p>US12: Pergunta-se sobre o lado positivo da Confluência</p>
<p><b>Fragmento 13</b>  “Importante a gente confluir dos mesmos ideais... em alguns objetivos... na questão do casal, se não tiver nenhuma confluência entre os dois, também não tem crescimento”</p> <p><b>Fragmento 14</b>  “às vezes o terapeuta está confluindo e</p>	<p>US13:  A importância de metas e valores em situação de casal</p> <p>US14: Importância da supervisão ou psicoterapia como resolução do contato confluyente</p>



nem percebe... e na medida em que ele percebe que está vivenciando isso...a necessidade de recorrer a uma supervisão ou a uma psicoterapia”	
<b>Fragmento 15</b> “O problema me parece que é o confluir e o desconfluir...é o fazer contato e saber repassar, porque a confluência patológica eu me misturo e já não sei quem sou eu”	US15: Confluência patológica é aquela sem retirada, isto é, sem consciência do Eu
<b>Fragmento 15</b> “não sei se é o tempo...na minha experiência quando é algo positivo dá para ir e vir.... quando foi a vivência da morte eu fui e fiquei... depende da temática da confluência... e aí, na confluência se é minha figura eu vou e não volto (morte do cliente) se é fundo eu vou e volto(falar da filha bem sucedida)”	US15: A retirada ou não retirada do contato confluyente depende mais da resolução da temática(ter ido para o fundo) do que do tempo de experiência do T
<b>Participante 7 (P7)</b> <b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>	
<b>Primeira etapa:</b> <b>Transcrição da entrevista</b>	<b>Segunda etapa:</b> <b>Unidade de sentido</b>
<b>Fragmento 1</b> “Certamente... várias vezes... em algumas situações até a confluência leva a gente a uma possibilidade de entendimento mais razoável e profundo do que o cliente está trazendo”	US1: A confluência como condição que ajuda a compreensão profunda do cliente
<b>Fragmento 2</b> Então eu não vejo, necessariamente a confluência como algo negativo, desde que a gente saiba entender qual foi esse movimento, e retomar...Por isso é importante ter a questão da consciência...da <i>awareness</i> ...”	US2: A <i>awareness</i> da situação de Confluência experienciada pelo T permite retomar o processo de retirada
<b>Fragmento 3</b> “Porque se pergunta, né, se tem a ver com as experiências semelhantes, tem tudo a ver... é o que eu disse, tem... eu acho que é por causa da semelhança que a confluência acontece	US3: A semelhança da experiência é fundamental na emergência da Confluência
<b>Fragmento 5</b> “o processo terapêutico, ele é o ‘entre’, mesmo porque ele não funciona só para o cliente..., eu me escuto e aquilo serve para ele, no caso dele mas serve para mim... também... exatamente em função	US5: Aspecto terapêutico da Confluência para ambas as partes: terapeuta e cliente

desse momento em que as experiências parecem partilhadas...Eu acho que o movimento de confluência pode ajudar o contato a ser restabelecido	
<b>Fragmento 6</b> Então eu vejo isso acontecendo com muita frequência..., mas é um movimento que não pode ter uma constância... eu não posso permanecer confluindo.	US6: Necessidade de estar atento para fazer a retração, não permanecendo confluído,
<b>Fragmento 7</b> “Mas esse momento da fusão eu não acho necessariamente ruim... Eu acho que até em algumas situações o movimento de confluência pode ajudar o contato a ser restabelecido”	US7: Percebe a confluência como solução para os impasses que surgem no processo terapêutico
<b>Fragmento 8</b> “Eu percebo que a experiência... a prática vai fazendo a gente perceber quais as nuances desse mecanismo que a gente começa a usar, e essa percepção permite que a gente recue... possibilita as entradas e as saídas desse movimento de confluência”	US8: A experiência do T o ajuda a ter <i>awareness</i> da Confluência, possibilitando-lhe fazer a retirada
<b>Fragmento 9</b> “Então, às vezes, até a Confluência, o movimento do confluir não serve para um determinado cliente, ele vai achar aquele contato demais para ele... mas tem outros que precisam, tem outros que esperam, mesmo que não seja consciente”	US9: A Confluência empática pode não ser suportada na fronteira do Eu de alguns clientes. O terapeuta tem que estar atento a certas restrições para não comprometer o processo terapêutico
<b>Fragmento 10</b> “eu acho que é por causa da semelhança que a confluência acontece... dentro do contexto muito diferente, ter sentimentos, desejos, afetos, necessidade, dúvidas, angústias, que são parecidas... mesmo que a situação não seja idêntica... o que é semelhante é a condição existencial”	US10: A Confluência acontece não só pela semelhança da condição presente (ser pai, mãe, ser casada, etc), mas também pela semelhança da condição existencial carregadas de sentimentos semelhantes mesmo em contextos muito diferentes
<b>Fragmento 11</b> “Eu acho que o que é semelhante é a condição existencial que a pessoa traz, independente de ser uma situação X ou Y”	US11: Confluência é vista como a identificação com a condição existencial comum aos humanos
<b>Fragmento 12</b> “se eu começo a confluir demais..tem um problema aí... aí essa fronteira	US12: O processo de Confluência freqüente exige a atenção do T ( <i>awareness</i> ) para a questão da própria

<p>precisa ser estabelecida e eu acho que essa tarefa é nossa... de terapeuta. Por isso que nesse momento essa <i>awareness</i> tem que ser mais nossa do que da relação”</p>	<p>fronteira</p>
<p><b>Fragmento 13</b>  “A vigilância que a gente faz é para não ficar dizendo: ‘olha, eu também já passei por isso”</p> <p><b>Fragmento 14</b>  “Se o terapeuta não soubesse fazer esse desprendimento, se ele não tivesse coisas diversas (da experiência pessoal do cliente)... teria que ter restrições: ‘ah! Eu quero um terapeuta de tal idade, casado, com filhos...’</p>	<p>US13: O risco da experiência semelhante é o T se identificar e passar a intervir com aconselhamento</p> <p>US14:  Confluência como atitude positiva de desprendimento do significado pessoal para a compreensão do vivido pelo outro em situação diferente (idêntico ao conceito de Inclusão</p>

<b>Tabela 2</b>		
<b>Unidades de Sentido e Estrutura da Experiência dos Participantes (P)</b>		
<b>Método Fenomenológico de acordo com Amadeo Giorgi (1985)</b>		
<b>Terceira Etapa</b>		<b>Quarta Etapa</b>
<b>1. Unidade de Sentido Comum na Amostra: Confluência no atendimento</b>		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P1:</b> ...eu acho que já vivi situações em que eu perdi um pouco o controle...</p> <p><b>P2:</b> Já. No início da profissão era mais comum...</p> <p><b>P4:</b> É. Já vivenciei ...a história do cliente ou até uma dificuldade minha pessoal... me pegou muito...pega não é?"</p> <p><b>P5:</b> ...eu estou vendo aqui, eu acabei fazendo uma intervenção porque eu estava lá no meio misturada, que é a questão da confluência.</p> <p><b>P6:</b> Já vivenciei isso na prática... muito parecida a dinâmica...</p> <p><b>P7:</b> Certamente... várias vezes... em algumas situações até a confluência...</p>	<p>Unidades de sentido diretamente relacionadas</p> <p>Todas as Unidades de Sentido identificadas foram diretamente relacionadas ao assunto proposto.</p> <p>As questões levantadas pela pesquisadora em Entrevista semi-aberta nortearam as respostas para o tema visado: A Confluência do terapeuta. De modo que todos os participantes focaram exclusivamente neste tema.</p>	<p>O Contato Confluyente é um fenômeno comumente vivenciado nos atendimentos clínicos, e sobre o qual parece não ser possível ter controle total.</p>
<b>2. Unidade de Sentido Comum na Amostra: Importância da Supervisão</b>		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P1:</b> ...eu acho que nessa situação específica a supervisão é muito importante...a supervisão que me ajudou a dar o rumo que precisava dar...</p> <p><b>P2:</b> um dos papéis principais da supervisão do iniciante é exatamente ajudar o terapeuta iniciante a...</p> <p><b>P4:</b> ...fazer essa separação do que é seu e do que é do cliente...Acho que entra muito a questão da supervisão, a importância da supervisão quando não estou sabendo captar aquilo que o cliente está me falando...a supervisão me ajudou muito...</p>		<p>A Supervisão é considerada como recurso de solução do Contato Confluyente sem retirada.</p>

<p><b>P6:</b> ...às vezes o terapeuta está confluindo e nem percebe... e na medida em que ele percebe que está vivenciando isso...a necessidade de recorrer a uma supervisão ou a uma psicoterapia...</p>		
<p><b>4. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> A semelhança de experiência leva ao receio do Contato Confluyente</p>		<p><b>Estrutura da Experiência</b></p>
<p><b>P1:</b> “...Mas a semelhança Vânia é uma coisa que eu fico muito atenta, sabe... porque eu tenho receio de que acabe misturando sem que eu perceba...É igual quando a gente atende alguém da mesma religião... não tem como evitar que as coisas que ela fala seja do seu conhecimento né... se as coisas que ela fale seja da sua crença, você também acredita naquilo...  <b>P2:</b> ela (a cliente) estava descrevendo uma realidade muito próxima da minha...eu me peguei batendo papo e... eu misturei”  <b>P5:</b> como era uma vivência parecida ...eu acabei fazendo uma intervenção porque eu estava lá no meio misturada... se eu não fico atenta poderia ser algo para confluir... perigo da confluência é essa de não conseguir diferenciar e não contribuir...  <b>P7:</b> eu acho que a prática clínica inclusive é propícia a isso... tem tudo a ver com as experiências semelhantes... acho que é por causa da semelhança que a confluência acontece...</p>		<p>A semelhança de experiências de vida entre Terapeuta e Cliente é percebida como fator desencadeante no acontecer a Confluência.</p>

5. Unidade de Sentido Comum na Amostra: A importância da <i>awareness</i> da semelhança e da diferenciação	Estrutura da Experiência
<p>Fragments da fala de todos os participantes retirados da 1ª etapa (Tabela 1) que foram agrupados e originou Unidade de Sentido 12</p> <p><b>P1:</b> ...eu estou muito ligada, porque eu sei que essa semelhança entre o nosso jeito... eu tenho que estar o tempo todo checando... eu acho ruim não é eu conseguir aproximar é não conseguir me afastar...</p> <p><b>P2:</b> ...o perigo é você confluir e não conseguir separar... de preferência fazer essa separação durante a sessão... ter esse cliquezinho rápido...</p> <p><b>P5:</b> E aí ao fazer isso eu falei 'opa, espera aí essa é a minha experiência, essa é a dela', e então eu voltei... eu acho que, o terapeuta tem que ter essa atenção... ter consciência dessa influência que ele está sofrendo...</p> <p><b>P6:</b>...te dei exemplo da confluência saudável, eu percebi que eu fui, mas eu consegui me diferenciar... Então, ela é ela e eu sou eu... devagarzinho, eu fui diferenciando. O problema me parece que é ...fazer contato e saber retirar...a confluência patológica eu me misturo e já não sei quem sou eu...</p> <p><b>P7:</b> se eu começo a confluir demais..tem um problema aí... aí essa fronteira precisa ser estabelecida ... por isso que é importante ter a questão da <i>awareness</i>... se você conflui sem essa consciência, você não retoma o estado de não-</p>	<p>O Contato Confluyente na relação terapêutica desperta a necessidade de estar <i>aware</i> do fenômeno que está acontecendo como meio de evitar o acontecimento da Confluência sem retirada.</p>

confluência, você não faz a retirada		
<b>6. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> Aspecto positivo e terapêutico da Confluência com a situação semelhante		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P1:</b> ...a semelhança ela tanto pode ser extremamente útil... porque você já esteve naquele lugar e de certo modo você entende o que o cliente está passando... tem o aspecto saudável...de você se aproximar da experiência da outra pessoa...eu não posso abrir mão dela (da experiência) para não confluir. Eu não consigo ver nem teoricamente como eu faria isso</p> <p><b>P6:</b> ...o confluir para mim me ajuda a compreender a dor que o outro está sentindo... eu confluí para estarmos na mesma situação... tem o aspecto positivo de eu conseguir visitar o mundo do outro. Talvez a questão seja em até que ponto o aspecto saudável da confluência ... não poderia facilitar o processo terapêutico...</p> <p><b>P7:</b> em algumas situações até a confluência leva a gente a uma possibilidade de entendimento mais razoável e profundo do que o cliente está trazendo. Então eu não vejo, necessariamente a confluência como algo negativo...Eu acho que o movimento de confluência pode ajudar o contato a ser restabelecido</p>		<p>O contato confluyente seguido da retirada em vista da semelhança da experiência do C com a do T é considerado algo útil, positivo e até saudável no sentido de facilitar a proximidade na relação terapêutica.</p>

<b>7. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> Revisão reflexiva no final das sessões		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P1:</b> ...Eu tenho feito muito assim, cada cliente no fim da tarde eu anoto, não deixa de ser uma... supervisãozinha que eu faço...</p> <p><b>P2:</b> ...uma rotina minha muito antiga, geralmente, ao final das sessões... dar uma paradinha...verificar como que eu estive naquela relação...</p> <p><b>P4:</b> Tem uma amiga minha... que a gente, uma vez por semana, discute caso clínico...</p>		<p>A revisão reflexiva sistemática no final da sessão feita pelo T é uma forma deste ter a <i>awareness da</i> qualidade e desempenho do seu papel no processo.</p>
<b>8. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> A Confluência considerada como parte natural do processo		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P1:</b> ...isso é coisa de ser humano... eu penso isso... nós não temos que ficar preocupados em não confluir, nós todos somos humanos... e em algum momento aquilo que o outro fala..</p> <p><b>P2:</b> ...você é humana....perigo é você não conseguir separar... tem que haver diferenciação... Agora, eu não vejo problema em confluir... eu acho possível de acontecer e por isso não vejo nenhum mal...</p> <p><b>P4:</b> ...eu acho interessante... que bom que acontece, que eu consigo perceber e identificar o que está acontecendo porque eu acho que não tem como não acontecer...</p> <p><b>P6:</b> ...tudo o que o ser humano de alguma maneira vivenciar eu também já vivenciei. Nós confluímos por sermos seres humanos. Então a</p>		<p>A emergência do Contato Confluyente é considerado como inevitável e natural no processo terapêutico pelo fato da condição humana semelhante entre T e C.</p>



<p>maior confluência que existe é que somos humanos...</p> <p><b>P7:</b>...este é um mecanismo do meu ponto de vista necessário em muitas situações... desde que...depois seja feita a desfusão... permitir-se em alguns momentos fundir-se com o cliente...</p>		
<p><b>9. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> A experiência comum no campo leva à Confluência</p>		<p><b>Estrutura da Experiência</b></p>
<p>Fragments da fala de todos os participantes retirados da 1ª etapa (Tabela 1) que foram agrupados e originou Unidade de Sentido 12</p> <p><b>P1:</b> Quando você falou da sua filha, imediatamente isso capta a minha experiência, né?... não tem como eu bloquear isso.</p> <p><b>P2:</b> eu acredito que nós somos atraídos pela confluência quando realmente é algo que está ligado a nossa experiência... o campo tem mais chance de me atrair</p> <p><b>P5:</b> mas são coisas que para mim é esse termo assim... está no campo,...é se está no campo você está sujeito a influências ... E aí fica mais fácil... de acontecer a confluência. Então eu acho assim, a gente sofre as influências do campo, o tempo todo... não tem jeito...experiências que tocam nas minhas experiências e situações que estão no campo...são situações que me deixam em alerta para eu fazer essa separação.</p>		<p>A força dos elementos presentes no campo influencia constantemente o T e, assim, praticamente impossibilita evitar o Contato Confluyente.</p>

<b>10. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> A Confluência sem retirada impede intervenções produtivas		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P1:</b> ...então, eu via que ficava querendo que ela separasse...parece que eu tentei resolver o meu problema através dela ...</p> <p><b>P4:</b> ...não estar investigando direito; como está o contato; como está a presença...</p> <p><b>P5:</b> ...Eu fiz uma intervenção em que para onde eu estava levando a cliente... essa intervenção é como se estivesse mais a serviço de mim do que do cliente.. e levou ele a refletir e a pensar numa coisa exatamente como eu pensei na época...</p>		A Confluência sem retirada impede intervenções produtivas capazes de levar o cliente às suas próprias conclusões e fazer suas próprias escolhas.
<b>11. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> A Confluência acontece também com experiências diferentes		<b>Estrutura da Experiência</b>
<p><b>P2:</b> ...eu sinto a dor física do cliente... só consigo saber que aquela dor não é minha... Se eu vou visitar um doente eu saio mais ou menos com aquela dor...</p> <p><b>P4:</b> ...eu acho que não é que esbarra com a minha experiência! É muito diferente da minha experiência. Eu tinha uma dificuldade de escutar o que aquela mãe estava dizendo, coisas difíceis, pesadas</p> <p><b>P6:</b> ...confluí na fantasia ..Importante a gente confluir dos mesmos ideais...em alguns objetivos...o casal, se não tiver nenhuma confluência, os dois né... não tem crescimento...</p> <p><b>P7:</b> eu acho que é por causa da semelhança que</p>		A Confluência também se dá com experiências e contextos diferentes.

<p>a confluência acontece... dentro do contexto muito diferente, ter sentimentos, desejos, afetos, necessidade, dúvidas, angústias, que são parecidas... mesmo que a situação não seja idêntica... o que é semelhante é a condição existencial. A minha fala dirigida ao cliente</p>		
<p><b>12. Unidade de Sentido Comum na Amostra:</b> A representatividade da experiência profissional na Confluência</p>		<p><b>Estrutura da Experiência</b></p>
<p><b>P1:</b> ...eu não era principiante... foi uma escorregada mesmo...</p> <p><b>P2:</b> ... Já. No início da profissão era mais comum... eu embolava e ficava difícil separar... Hoje com a experiência é mais fácil separar...Mas mesmo assim ainda acontece... quando eu me pego eu acho que estou meio misturada... mais... muito mais...” (frequência da confluência com terapeuta iniciante)...hoje bem menos.. mas acho que hoje bem menos... (o terapeuta) tem mais o eixo, tem mais essa separação...</p> <p><b>P5:</b> ...acho que no início eu não contribuía com os meus pacientes...</p> <p><b>P7:</b> Eu percebo que a experiência... a prática vai fazendo a gente perceber quais as nuances desse mecanismo que a gente começa a usar, e essa percepção permite que a gente recue... possibilita as entradas e as saídas desse movimento de confluência</p>		<p>O tempo de experiência do T reduz, mas não elimina a possibilidade de acontecer o contato confluyente no processo.</p>

**Figura 1: Frequência das Unidades de Sentido na amostra dos sete participantes**

		Participantes						
		P1	P2		P4	P5	P6	P7
<b>Unidades de Sentido</b>	1. Confluência no atendimento	P1	P2		P4	P5	P6	P7
	2. Não-confluência nos atendimentos			P3				
	3. Importância da Supervisão	P1	P2		P4		P6	
	4. A semelhança leva ao receio do Contato Confluyente	P1	P2			P5		P7
	5. A importância da <i>awareness</i> do contato confluyente e da diferenciação	P1	P2			P5	P6	P7
	6. Aspecto positivo e terapêutico da semelhança provocando o contato confluyente	P1					P6	P7
	7. Revisão reflexiva no final das sessões levam T à <i>awareness</i> da própria atuação	P1	P2		P4			
	8. A Confluência com <i>awareness</i> , seguida de retirada é considerada como parte natural do processo	P1	P2		P4		P6	P7
	9. Confluência inevitável se experiências comuns estão no campo	P1	P2			P5		
	10. A Confluência permanente, sem retirada, impede intervenções produtivas na terapia	P1			P4	P5		
	11. A Confluência acontece também com experiências e contextos diferentes		P2		P4		P6	P7
	12. O tempo da experiência profissional tem influência na frequência da Confluência	P1	P2			P5		P7

Um aspecto que se destaca na fala dos entrevistados é a frequência com que a Confluência é experienciada pelos participantes em sua prática clínica. Sobre este fenômeno, os profissionais colocam a impossibilidade de exercer controle total, por motivos que vão desde a inexperiência profissional, dificuldade pessoal, a semelhança da experiência, ou até mesmo a impossibilidade de evitá-la, por entendê-la como

oriunda da condição humana comum entre Terapeuta e Cliente. Neste particular, o contato confluyente é entendido como um evento saudável para o processo terapêutico, chegando a favorecer uma proximidade maior com o cliente; proximidade que é percebida por este, que se sente, então, muito mais compreendido. É o que se nota nas falas de P1, P2, P4, P6 e P7, conforme pode ser observado na figura 1:

P1: “... tem o aspecto saudável de você se aproximar da experiência da outra pessoa... Eu acho que a pessoa se sente muito compreendida...”

P6: “... a confluência pode ser vista de um aspecto positivo... eu confluí para estarmos na mesma situação...”

P7: “...em algumas situações até a confluência leva a gente a uma possibilidade de entendimento mais razoável e profundo do que o cliente está trazendo. Então eu não vejo, necessariamente a confluência como algo negativo...”

A confluência é, também considerada até mesmo como parte natural do processo, por duas razões principais: primeiro, a presença de experiências particulares comuns entre T e C no campo; segundo, pela condição humana essencialmente semelhante entre terapeuta e cliente. Este sentido aparece nas falas de P2, P4 e P5 quando dizem:

P2: “...você é humana... eu não vejo problema em confluir, o problema é não perceber que confluíu... Eu não vejo mal nisso... eu acredito que nós somos atraídos pela confluência quando realmente é algo que está ligado a nossa experiência... o campo tem mais chance de me atrair...”

P4: “...eu acho interessante... que bom que acontece, que eu consigo perceber e identificar o que está acontecendo porque eu acho que não tem como não acontecer...”

P5: “... está no campo,...é se está no campo você está sujeito a influências ... E aí fica mais fácil... de acontecer a confluência.... a gente sofre as influências do campo, o

tempo todo... não tem jeito... situações que estão no campo...são situações que me deixam em alerta para eu fazer essa separação.”

Segundo Ribeiro (2007), é simplista afirmar que o contato se dá na fronteira cogitando-a como único lugar de contato. Para ele, tudo começa e termina no campo. De acordo com a percepção subjetiva que o indivíduo tem da sua relação com o outro e de como a realidade objetiva é captada pela sua subjetividade, surgem os níveis de contato: do sujeito consigo mesmo, dele com o outro (humano ou coisa) dele com o mundo e do mundo com ele. Acredita ainda o autor, ser dessa forma incapaz de explicar a realidade complexa do contato. Diz: “o contato é uma provocação da realidade e ocorre entre duas realidades disponíveis para o encontro” (Ribeiro, 2007 p. 13).

Um aspecto interessante que se observa nas interlocuções colhidas e analisadas, é uma certa contradição que se apresenta na fala de parte significativa da amostra, quando, simultaneamente, salienta por um lado que a Confluência é inevitável, natural e que ajuda no processo terapêutico, e por outro lado, ressalta a dificuldade de bloqueá-la, a necessidade de vigiá-la e o receio de ficar vulnerável e permitir que ela aconteça. Conforme pode se verificar nos fragmentos da entrevista dos participantes P1 e P5:

P1:” “...Mas a semelhança é uma coisa que eu fico muito atenta, sabe... porque eu tenho receio de que acabe misturando sem que eu perceba...”

P5: “... Agora já aconteceu... de perceber que tocou em algum lugar meu; então assim se eu não fico atenta poderia ser algo para confluir... porque o perigo da confluência é essa de não conseguir diferenciar e não contribuir...”

A significação comum encontrada pode ser resumida da forma seguinte: todos os entrevistados, excetuando um, consideram a Confluência como provocada pela presença de experiências comuns, eventos isolados semelhantes ou histórias de vida coincidentes entre Terapeuta e Cliente; e que este tipo de contato é benéfico ao processo terapêutico

se o profissional ficar atento a essa possibilidade, tornando-se *aware* da sua própria vivência confluyente e souber fazer a retirada ou retração no momento adequado, voltando ao contato com a diferença, ou seja, com a singularidade do cliente.

## 6. Discussão Geral

Em âmbito mais geral, os resultados obtidos neste estudo originam as seguintes observações:

1. A Confluência é vista como um evento relacional que surge do encontro de experiências semelhantes entre T e C (6 participantes)
2. A confluência tem duplo aspecto para o processo terapêutico: positivo e negativo (5 participantes)
3. Os aspectos positivos da Confluência são: a) A confluência é vista como positiva desde que o T consiga fazer a retirada; b) ser condição de proximidade entre T e C; c) T tem maior compreensão do vivido pelo C; d) O C percebe a maior compreensão do T e se sente mais à vontade; (4 participantes)
4. Os aspectos negativos da Confluência: a) O perigo do T permanecer na confluência dando conselhos ao C; b) O T confluyente tenta resolver suas próprias questões inacabadas através do C; c) Invalidar a terapia, pois não fazendo contato com o diferente, o T não acrescenta nada ao processo; (6 participantes)
5. A Supervisão é considerada muito eficiente na resolução de relações confluentes entre T e C; (4 participantes)
6. A confluência é vagamente discriminada da Inclusão pelos T participantes, podendo até ser idêntica a esta última;
7. O tempo de experiência profissional não elimina a possibilidade de confluência do T com o C; (5 participantes)
8. O tempo de experiência profissional reduz a confluência do T para com o C e torna mais fácil a retirada do contato confluyente; (6 participantes)
9. É considerado muito importante o T estar *aware* da sua experiência confluyente com o C; (6 participantes)



10. A *awareness* da confluência se dá no momento mesmo em que a confluência acontece; (4 participantes)
11. Existe a ocorrência de confluência corporal independente da experiência do C estar sendo semelhante à do T; (só um participante)
12. A semelhança de experiência leva o T a um afastamento do C e não à confluência; (só 1 participante)
13. A semelhança de experiências é uma identificação e não uma confluência (só 1 participante)
14. O T muito ferido emocionalmente tem maiores probabilidades de entrar em confluência; (2 participantes)
15. A confluência é inevitável no processo terapêutico; (6 participantes)
16. A inevitabilidade da confluência se deve ao fato de termos uma condição humana comum; (4 participantes)
17. A importância da revisão sistemática da sessão: terapeuta *awareness* da qualidade do processo terapêutico (3 participantes)

## Considerações Finais

Nota-se que a temática da confluência na prática terapêutica, apesar de pouco discutida na literatura, pareceu ter uma considerável relevância, haja vista que ela foi reconhecida como existente para a maioria dos participantes. Este reconhecimento leva a algumas reflexões possíveis.

Surge por parte de um dos participantes o questionamento sobre até que ponto o aspecto saudável da confluência pode ser utilizada ao invés de ser evitada, para facilitar o contato no processo terapêutico deixando de ter o caráter negativo como geralmente é vista. Este aspecto me chamou a atenção, pois veio a calhar com meu ponto de vista, e daí ter suscitado-me a investigar o tema deste estudo.

Percebo certa contradição na fala da maioria dos entrevistados. Por um lado, observo uma disponibilidade de vivenciar a Confluência na relação terapeuta-cliente, ressaltar seu aspecto positivo, ser aceita com naturalidade. E por outro lado percebo a intenção, quase uma necessidade de impedir, vigiar e até mesmo bloquear o acontecer do Contato Confluyente.

Parece-me aquele filho levado que a mãe não pode tirar o olho de cima com receio de que ele vai aprontar alguma arte muito desastrosa. Desastrosa para quem? Será que se for dada uma maior liberdade a esse filho não se pode descobrir coisas brilhantes e surpreendentes sobre suas capacidades, as quais não aparecem porque há uma exacerbação nos limites?

Faço essa analogia porque me instiga o fato de em grande parte da literatura e do ensino a Confluência ser passada como algo negativo. Desejo abrir duas questões:

- Talvez a Confluência que perdure, ou seja, a retirada não-imediata do Terapeuta, seja uma possibilidade benéfica ao cliente?

- Será que ao ver que a Confluência tem que ser seguida imediatamente da retirada não estará havendo a *Confluência sem retirada* do terapeuta com a teoria?
- Outra reflexão possível também se manifesta em forma de pergunta: seria a Confluência uma prática a ser eliminada? A supervisão é colocada como ferramenta indispensável, mas é suficiente?

Uma constatação parece inevitável: não é possível, efetivamente, vigiar e controlar esse fenômeno.

E mais, se a Confluência parece tão natural e positiva, essa vigilância não levaria a uma ilegitimidade do fenômeno, posto sob uma tentativa de controle?

Deixo essas questões para futuras pesquisas.

Em outras palavras, significa que ainda há um vasto campo aberto para pesquisas futuras e nesse sentido, os adeptos da Gestalt-terapia podem estar atentos ao tema e ao que ele suscita....

## Referências Bibliográficas

- Aguiar, L. (2005). *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. Campinas: Ed. Livro Pleno.
- Castello, L. N.; Moraes, K. F. B.. *O estabelecimento do contato afetivo durante a gestação, sob a perspectiva da Gestalt- Terapia*. Revista IGT na Rede, v.6, nº 10, 2009. Acessado em maio de 2010. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> ISSN 1807-25
- Ginger, S; Giger, A. (1995). *Gestalt: Uma terapia do Contato*. São Paulo: Summus.
- Giorgi, A.. (1985). Método Fenomenológico de Giorgi. Em Moreira, D. A. (2002) *O método Fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Martín, Ángeles (2008). *Manual Prático de Psicoterapia Gestalt*. Petrólis, RJ: Vozes.
- Mayer, E. LL. (1986) Frederick S. Perls e a Gestalt-terapia. Em Fadiman, James; Frager, Roberto. Tradução de Camila Pedral Sampaio, Sybil Safdié. *Teorias da Personalidade* (pp. 126-186). São Paulo: Ed. Harbra Ltda.
- Moreira, D. A.. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Perls, F. (1977). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Polster, E, Polster, M. (2001) *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2007). *O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus.
- \_\_\_\_\_. (1999) *Gestalt-terapia de curta duração*. São Paulo: Summus.
- Spangerberg, A. (2004). *Terapia gestáltica e a inversão da queda*. Campinas: Ed. Livro Pleno.
- Yontef, G. M. (1998) *Processo, Diálogo e Awareness: ensaio em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

## **Anexos**

## Anexo A

### QUESTIONÁRIO

**Título do Projeto:** A confluência na relação terapeuta-cliente na perspectiva da Gestalt-terapia

Os mecanismos de evitação ou distúrbios do cujo conceito se refere a uma disfunção de contato do sujeito com o objeto, tem sido motivo de estudos aprofundados por parte dos teóricos da Gestalt-terapia. Perls sugere que existem quatro mecanismos básicos, ou distúrbios de fronteira, capazes de impedir o crescimento. Entre eles está a Confluência. **A Confluência**, segundo Perls, é um estado de não-contato, por fusão ou ausência de fronteira de contato. O self (si mesmo) não pode ser identificado, ausência de discriminação eu/meio.

Na confluência, o indivíduo não experiencia nenhum limite entre ele mesmo e o meio ambiente. Esse mecanismo torna impossível um ritmo saudável de contato e de fuga ou evitação ou retirada, visto que tanto o contato quanto a evitação, fuga ou retirada, pressupõem um *outro*.

A confluência significa a tolerância reduzida pelas diferenças entre as pessoas, uma vez que os indivíduos que a experienciam não podem aceitar um senso de limites e, portanto, a diferenciação entre si mesmo e as outras pessoas (Fadiman; Frager, 1986).

- 1. Já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o cliente?**
- 2. Você pode dar um exemplo de como percebeu que estava confluindo?**
- 3. Essa confluência tem relação com experiências semelhantes às do seu cliente na sua vida pessoal?**

**Anexo B****INSTITUTO DE TREINAMENTO E PESQUISA EM GESTALT-TERAPIA DE  
GOIÂNIA****COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Você está sendo convidada para participar como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar a secretaria do ITGT pelos telefones 3941-9798/3942-9798.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Título do Projeto:** A confluência na relação terapeuta-cliente na perspectiva da Gestalt-terapia

**Pesquisador Responsável:** Vânia Lucia Garcez Martins

**Tel. contato:** cel: (34) 9976 8373 / (34) 3261 1272

**Objetivo do Estudo:** Compreender a confluência na prática clínica

**Metodologia:** Método Fenomenológico de Pesquisa.

**Procedimento:** Entrevista gravada e posteriormente transcrita e analisada

**Assinatura do pesquisador:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_  
 CPF nº \_\_\_\_\_ nº CRP \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo  
 em participar do estudo  
 \_\_\_\_\_,  
 como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador  
 \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa, os  
 procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes  
 de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a  
 qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

**Local e data:**

---

**Nome do sujeito:**

---

**Assinatura do sujeito:**

---



## Anexo C

### Entrevistas

P1.

Pesquisador: aqui eu trouxe as perguntas... o termo de consentimento...tem um textinho sobre o que é a confluência... você vai querer ler...

Sujeito: não ... não precisa não....

Pesquisador: então eu vou te fazer a primeira perguntinha... Já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o cliente...

Olha, eu geralmente tenho muito cuidado com a semelhança, quando eu percebo que tem algum tema em que a vivência do cliente é muito parecida com a minha, eu fico muito atenta... porque eu acho assim... a semelhança ela tanto pode ser extremamente útil... porque você já esteve naquele lugar e de certo modo você entende o que o cliente está passando. Mas pode acontecer de eu me misturar com ele, eu acho que já vivi situações em que eu perdi um pouco o controle... não muitas... mas umas duas situações eu me lembro especificamente... principalmente em relação.... por exemplo, eu tive uma cliente que estava vivendo um processo de separação e na época eu estava muito insatisfeita né... com o casamento... então, eu via que ficava querendo que ela separasse... sabe? Então assim... aí graças a Deus na época eu fazia supervisão... aí eu vi que tinha alguma coisa que não estava batendo muito bem, aí como eu estava em supervisão foi mais fácil. Mas a semelhança Vânia é uma coisa que eu fico muito atenta, sabe... porque eu tenho receio de que acabe misturando sem que eu perceba...

Pesquisador: não sei... parece que às vezes coincide de naquele mesmo momento você estar vivenciando...

Sujeito: ... a mesma situação... igual por exemplo nessa época... foi muita coincidência... porque assim... ela estava assim separando, e eu não estava...naquele momento era uma época que realmente as coisas não estavam bem sabe... e aí depois eu fui perceber que sempre as intervenções que eu fazia nunca era levando ela a pensar se queria mesmo (risos) se separar... eu já partia do pressuposto de que o casamento dela não estava bem mesmo e que tinha que separar... sabe? Eu acho que é uma coisa muito sutil...às vezes, a gente não percebe, eu acho que nessa situação específica a supervisão é muito importante ... porque, só o olhar da outra pessoa é que vai te puxar, ... senão, como é uma coisa que acontece muito aqui, você realmente pode escorregar...pacientes muito parecidos... sabe porque as vezes a gente recebe pessoas que pensam tão parecidos... sabe às vezes questão de religião... é eu atendo muito pessoas que são espíritas... eu já fui muito ligada ao espiritismo... às vezes essas semelhanças eu fico muito atenta; desde que eu atendi a esse caso... dessa pessoa específica que foi uma pessoa que me marcou muito porque na época realmente foi muito complicado ... é... eu fiquei muito atenta... eu fiquei escaldada, para ser bem sincera eu fiquei muito escaldada sabe?... porque eu falei, gente é fácil, sabe? Porque aí o quê que acontece... você parte do pressuposto de que aquela... e olha que engraçado eu nem tinha resolvido me separar, mas parece que eu tentei resolver o meu problema através dela ... sabe? Na época a impressão que eu fiquei depois... ainda bem que a gente conseguiu voltar e ela até resolveu se separar mas aí pelos motivos dela já não eram mais pelos meus, mas assim... é parece que tentava assim, né... fazer não... a pessoa que vai embora né,... que resolve... assim a gente fica... a gente amarra a pessoa sabe nessa hora... e aí falta... eu ia falando e me perdi um pouco... a gente falta a investigação fenomenológica, porque se você parte do pressuposto que a sua solução é a melhor para a pessoa... e aí você não investiga nada... você nem investiga se é isso mesmo que ela quer, quais as conseqüências que isso vai ter para ela.... não... você não investiga nada porque você acha que aquela solução, a sua

né, é que vai ser boa; ela está ali correndo ali por baixo... a Marisete tem uma imagem ótima que ela fala que a gente fica...é como se fisgar né... é como um gancho que te pega e aí você fica um pouco sem movimentação porque a sua visão fica... igual a gente estava brincando aqui né... você não amplia.. aí você fecha, é mais ou menos isso... você vai perguntando aí porque eu começo a falar...

Pesquisador: é... porque tem uma diferença né...na inclusão você entra e sai né... você vê com o olho do cliente mas com o seu também... então você vê e sai... então na confluência você fica ali né...

Sujeito:.. você fica amarrada né... na verdade você... eu acho que... porque quando você inclui, por exemplo, é por isso que eu falei no começo... que a semelhança, ela pode ajudar a você incluir... é justamente assim... quer dizer... você tem que fazer reflexão daquela vivência... por exemplo... você estava falando da sua filha eu perdi uma filha também eu não sei se eu já te contei isso...

Pesquisador: ah... não...

Sujeito: quando você fala da perda da sua filha eu não te falei na hora da sessão mas eu tenho a noção do tanto que é difícil... do tanto que é difícil você ver uma coisa interrompida o resto da vida... você fica pensando... gente mas hoje estaria com quantos anos né...então eu tenho toda essa noção porque... porque eu já vivi... mas aí eu sei que a sua dor é diferente da minha, e na hora por exemplo não senti necessidade de falar da minha porque ela não ia estar a serviço de você né... só me ajudou naquela hora que você estava falando e percebi quando te perguntei: e aí como foi? que aquilo para você estava resolvido... porque eu podia querer... não mas vamos falar, eu também perdi a minha... e aí não, aí eu não estava a seu serviço, eu dei uma checadinha para ver como estava aquilo e aí a gente foi pra frente. Então eu acho que quando você conflui aquilo te agarra e você não consegue sair ... você não consegue sair porque aquilo é uma necessidade sua. Se por exemplo aqui eu não estivesse com a perda da minha filha tranqüila... eu ia querer ficar falando disso que as vezes para você nem era uma coisa mais importante...Então eu acho que a confluência dentro do consultório, ela provoca essa perda de perspectiva, você não tem mais a noção se aquilo que você estava falando é a serviço do cliente ou se é a seu serviço ... se é uma necessidade sua de resolver uma coisa que você não resolveu ou se você está tentando resolver a coisa do cliente. Então... assim a inclusão é diferente por causa disso... quer dizer...você vai lá... entende né... vive junto com a pessoa...foi difícil... aí você conecta com a pessoa...

Pesquisador; você não só imagina a dor né...você sente...

Sujeito: não... eu sinto a dor eu não só imagino... mas eu sei que estou ali junto... provoca aquela coisa da empatia... não, eu estou aqui junto, eu sei como é isso, mas e aí o que você precisa?... não é quê que eu preciso. Eu não preciso mais falar da minha filha... porque eu perdi e está tranqüilo... isso me ajuda a entender as suas perdas, que elas são complicadas na vida... isso me ajuda a aproximar! Mas eu não preciso entrar dentro de você, eu só aproximo... emparelho, a gente fica junto, mas cada uma tem a sua dor, por mais que você tenha perdido uma filha e eu também, com certeza a sua circunstância é totalmente diferente da minha. E algumas coisas vão ser iguais né... algumas coisas vão ser iguais... e muitas coisas vão ser diferentes, por exemplo, a cliente que estava separando... para ela o melhor foi separar naquele momento, tinha a história dela e tudo, mas eu não dei essa solução para o meu problema porque ele era diferente embora tivesse muitas coisas parecidas. A gente perde o foco... vê coisas iguais como parecidas... iguais como diferen... sabe?... vira uma confusão...

...igual quando você é fisgado você deixa de ver a pessoa, e sua vista fica embaralhada... você não tem o discernimento... é igual a inclusão... não é uma coisa que você pré-determina 'não... agora eu vou incluir com fulano... mas a gente tem que ter

uma disponibilidade e eu acho que a confluência você tem que ter um cuidado... porque você não pode controlar se vai sentar uma pessoa aqui na sua frente com uma situação eu estou muito ligada, porque eu sei que essa semelhança entre o nosso jeito... que mexa com você, mas você pode ir para a terapia... você pode ir para a supervisão e tentar trabalhar o máximo possível as suas coisas, porque na hora... pelo menos para te dar um estalo... sabe... porque eu acho que não é uma coisa de você falar 'ah eu não vou confluir nunca... não... isso é coisa de ser humano, né... e tem o aspecto saudável de você aproximar da experiência da outra pessoa... Eu acho que a pessoa se sente muito compreendida né. Eu tenho um cliente novo, esse cliente foi um presente, porque ele é assim um cliente que eu admiro tanto, sabe?... E eu admiro porque ele é muito parecido comigo, só que é como eu já te falei, nós temos jeitos muito parecidos, e isso tem que estar no meu... como dizer assim... eu tenho que estar atenta o tempo inteiro... pra eu não escorregar com ele, mas eu tenho consciência que a nossa semelhança me ajuda a entender... porque ele me diz isso... ele me fala 'olha, é isso mesmo', mas eu tenho que estar o tempo todo checando 'é isso que você está me falando'... porque como nós somos muito parecidos eu posso ter a tendência de concluir por ele né... e andar na frente dele... por isso é preciso ter muito cuidado... muita... muita atenção... redobrada... e aí eu acho que você tem uma sessão em que você tem um gasto...o que você economiza porque o mundo da pessoa é muito parecido com o seu você gasta na atenção para estar o tempo todo checando se a vivência da pessoa é aquela mesma... porque ela tem todo o direito de ser diferente de você mesmo sendo parecida. É igual quando a gente atende alguém da mesma religião, por exemplo, se você é muito católica e atende outra pessoa muito católica não tem como evitar que as coisas que ela fala seja do seu conhecimento .. se as coisas que ela fale seja da sua crença, você também acredita naquilo... então assim... não tem como você não aproximar só que você tem que saber afastar... eu acho que a questão... sinceramente...a questão não é aproximar, é não saber voltar...

Pesquisador: é ficar confluída né... é fluir junto ...

Sujeito: ...fluir junto o tempo inteiro... porque quando você fala da sua filha eu acho bom que... não acho bom que eu tenha vivido isso, mas eu acho bom poder te entender, .. agora se eu ficar nisso a gente não trabalha. Então eu acho ruim não é eu conseguir aproximar é não conseguir me afastar. Eu perder a perspectiva de você, porque por exemplo, é igual um lago, uma piscina... você está de fora olhando você tem a perspectiva da piscina... quando você entra você tem a sensação da água, né... porque quando você está fora você não tem a sensação da água você só tem a perspectiva da piscina... você entra tem a sensação da água e aí você sai de novo... você sai melhor porque agora você tem a perspectiva da piscina e tem a sensação da água Agora, se você ficar dentro da água você perde a perspectiva... não é? É mais ou menos isso o que eu estou querendo dizer...

Pesquisador:.. e é interessante isto que você falou que o importante é a retirada... a gente não tem que ficar preocupada em não confluir né... porque...

Sujeito: eu penso isso... nós não temos que ficar preocupados em não confluir, nós todos somos humanos... e em algum momento aquilo que o outro fala... e é isso que eu falo... e é como eu falei bem no comecinho... é justamente isso que provoca a empatia... a melhora da outra pessoa... ela ver, sentir que está sendo entendida... não é ver nem você dizer 'ah eu te entendo'... não... a pessoa sentir 'ah essa pessoa está me entendendo'. Não quer dizer que se não sou mãe não vou entender uma mãe, mas a experiência me ajuda, eu não posso abrir mão dela para não confluir. Eu não consigo ver nem teoricamente como eu faria isso. Quando você falou da sua filha, imediatamente isso capta a minha experiência, né?... não tem como eu bloquear isso. Agora, aí é a hora d'eu

ficar atenta, é por isso que eu te falei assim ‘se aparece alguma coisa que é semelhante... aquela hora é um momento de muita atenção’. Nós duas temos experiências impactantes... fortes... as duas... e agora? né?... quer dizer..você falou da sua filha... imediatamente quando você falou da sua filha... mesmo porque você nunca tinha falado disso, imediatamente eu me lembrei da minha, né.... Quando você falou do seu filho que veio depois que você tinha medo de perder, por exemplo, o meu filho que veio depois, na mesma época ele teve o mesmo problema, eu queria morrer, e quando você falou eu pensei – que interessante eu vivi a mesma coisa -, mas assim, fui deixando e fui andando... e falei será que a Vânia vai precisar dessa minha experiência?... e você não precisou, você disse que já trabalhou muito essa questão e você foi andando e eu te acompanhei, a gente não parou, e poderia ter parado...

Pesquisador: você pode dar um exemplo de como percebeu que estava confluindo....

Sujeito: por exemplo com essa minha amiga... oh... amiga... realmente é confluência mesmo... com essa minha cliente da separação, que foi quando eu levei para supervisão né e eu percebi na supervisão, e aí que eu fui ver o meu comportamento né... quer dizer...eu deixei de investigar... eu parti do pressuposto que ela tinha que separar mesmo, eu comecei a achar... eu comecei a dar soluções, digamos assim, sem investigar se essas eram soluções que ela queria. Então, assim, eu percebi na supervisão, eu acho que a supervisão foi essencial... e a partir da supervisão eu fui observando que à medida que eu estava embaralhada com ela eu deixei de investigar e passei a dar soluções, sabe... e a gente ficava a sessão inteira naquela coisa que não andava, e isso foi uma coisa que eu vi também que o processo né...

Pesquisador: você percebeu que alguma coisa não estava bem...

Sujeito: percebi... .. percebi que não estava bem, e na supervisão a gente foi vendo as intervenções porque a gente...muita coisa transcreve né,, e aí fui percebendo... e aí o que acontece... voltei para a terapia ‘não... é isto o que eu estou vivendo agora – separa não separa, tá bom ta ruim, ta bom não ta bom né... toda aquela confusão – e aí digamos assim .. é a luz pelo menos do problema ... aí fica uma coisa delicada porque você tem que ir saindo disso para poder deixar a pessoa livre também.

Pesquisador: você precisa de um tempo para fazer essa retirada né...

Sujeito: você entra na piscina e não consegue sair né... então eu tenho que ir saindo... Acho que a terapia me ajudou, eu faço terapia a vida inteira, a minha terapeuta é a Celana, eu falo para ela que eu sou tombada aqui no seu consultório, sabe aquelas plaquinhas com números (risos)... e na época eu fazia terapia com ela e com a Marta... terapia não, supervisão de grupo, que é ótimo também ‘porque você escuta os colegas... e é muito bom...e aí eu percebi... o que me fez perceber primeiro... porque assim... você fica com a sensação que alguma coisa não está legal... coisa do feeling mesmo... e aí depois eu...na supervisão eu vi que não estava bom mesmo... e aí a supervisão foi E aí tem mais alguma coisa?

Pesquisador: então... e agora a terceira pergunta... as respostas que você foi trazendo já está mais ou menos incluída... você pode concluir... sei lá se você lembrar de um outro exemplo e tal... quanto à questão esta confluência tem relação com experiências semelhantes ao do seu cliente na sua vida pessoal?

Sujeito:é ...é o que eu falei, casou que justamente naquele momento eu estava vivendo muito exatamente o que ela estava vivendo né... e é engraçado é.. porque, por exemplo, o exemplo que eu dei da sua filha que você perdeu e da minha já passou, eu acho que quando já passou é mais fácil, mas ela não... ela estava passando e eu também estava passando na mesma época... eu acho que talvez se eu tivesse percebido antes o tanto que era parecido, talvez eu poderia ter encaminhado... se eu soubesse... sei lá, como é que a gente vai saber não é....

Pesquisador: isso faz muito tempo...

Sujeito: olha deve ter uns três anos... nós estamos em 2010 acho que foi em 2007...depois ela se separou... casou-se novamente...

Pesquisador: você estava no início dos seus atendimentos ou não...

Sujeito: não...não era principiante não... era... foi uma escorregada mesmo, eu realmente fui fisgada...

Pesquisador: capturada mesmo...

Sujeito: capturada mesmo... sabe,uma escorregada mesmo... mas eu não estava... eu já tenho dez anos de atendimento... mas eu acho que foi o caso mais assim...

Pesquisador: porque as vezes me passa isso pela cabeça que as vezes é por eu ser terapeuta principiante...eu ainda não tenho cinco anos de formada... considero que eu sou principiante na Gestalt né...

Sujeito: olha eu acho que não... hoje eu tenho... eu acho que esse caso me ensinou muito...

Pesquisador: nesta questão da confluência...

Sujeito: ...nessa questão da confluência...

Pesquisador: que ela pode ajudar se você souber entrar e sair...

Sujeito: ...isso mas que você pode se enrolar eu acho que me ensinou... principalmente a estar atenta... porque talvez... eu estou te falando né... eu não encaminhei, e talvez.... por excesso de confiança... porque você vê que a situação é parecida... mas você acha que não vai ter problema, então você vai... eu acho que realmente se você estiver atento não tem problema, só que você tem que estar sabendo, tem que estar atento mesmo, tem que estar em supervisão, tem que estar..., porque pode ser mais forte do que você imagina...

Pesquisador:... porque a confluência tem essa característica da ausência de limites até para estar vendo as diferenças né...

Sujeito: ... isso... eu acho que em alguns casos teria até que encaminhar mesmo...né... você entra e não tem muita noção do tamanho do buraco até você estar porque você entra... e é isso mesmo que você falou... você não tem muita noção do tamanho do buraco até você estar dentro dele né... então assim... esse caso com essa moça me ajudou sabe a ver essas coisas e ficar mais atenta...

Pesquisador: e até ter esse tipo de experiência dessa confluência com dificuldade da retirada né...

Sujeito: ´e...com a dificuldade de sair... mas eu acho que... não acho que eu tenha prejudicado ela... até depois... mas teve um período que a gente ficou embananada, e a supervisão que me ajudou a dar o rumo que precisava dar ‘esse é mais seu do que da pessoa.... é isso que ela está falando, ... isso é seu mesmo’. Porque qual é o remédio da confluência, é diferenciar, o remédio da confluência é a diferenciação. Quer dizer, embora nós estejamos passando por experiências parecidas você é você e eu sou eu, então o que eu tive que fazer foi isso.... as nossas experiências são muito parecidas mas a gente não vai ter as mesmas soluções... não vai caminhar pelos mesmos lugares... eu nem sei quais são os melhores para você e nem sei às vezes quais são os melhores para mim e vou saber para você?... não vou... então aí é quando a você sai da piscina... é a escadinha... você está lá no emaranhado e a escadinha para você sair é essa diferenciação que te permite desenganchar... e é isso que faz a gente sair quando a confluência é bem sucedida, digamos assim...; como foi a sua ‘ah foi assim foi assado’ e a minha está aqui guardada e se a pessoa ela pode até ser usada, mas caso contrário a pessoa vai andar nas coisas dela, com você não era necessário e seria até estranho porque no seu caso o seu tema nem era esse, você estava falando de outra coisa e seria muito estranho se eu começasse... e é isso que eu chamo de perder o foco, você começa a investigar uma coisa que não está a serviço do cliente, está a seu serviço e se eu não

investigo eu não olho ‘nossa! Achei uma pessoa que precisa falar disso e eu também preciso’, é claro que você não pensa isso mas a sua necessidade é essa;... vamos falar disso então mas não é a necessidade da pessoa é a sua; então tem uma confusão aí, e aí você que tem que pagar... vamos inverter os honorários (risos). Mas eu acho que é um lugarzinho que você tem o perigo de escorregar quanto mais você vai ficando experiente vai ficando esperto mas acho que ninguém está livre mesmo porque se você achar que está livre aí você cai, eu acho, porque aí você fica muito confiante, então eu acho que a atenção é a canja, como é... ‘canja de galinha não faz mal a ninguém’. Eu acho que estudar também, quando você estuda você está se reciclando porque aí você se lembra das coisas, então não deixa de ser profilático o estudo, por exemplo quando li da primeira vez que você me mandou, fui, olhei, você não deixa de dar uma passada nas pessoas, não deixa de ser um momento que você está passando a sua atuação, as suas intervenções. Eu tenho feito muito assim, cada cliente no fim da tarde eu anoto, sabe, não deixa de ser uma supervisãozinha que eu faço... você pára e pensa, acho que dá um feedback pra gente mesmo, o nosso trabalho é muito solitário, então a gente tem que estar atento no outro: como estou atendendo, será que as minhas intervenções eu não estou amassando barro, eu não estou falando de coisas que a pessoa não é tema dela? Às vezes a gente está falando de coisas que a pessoa não está andando direito, principalmente esses, está faltando alguma coisa, está um processo sem energia. Nessa hora que eu estou fazendo as anotações é o momento que eu estou repassando, é para mim mesmo, é uma supervisão eu consigo mesmo, então é este o trabalho. A gente tem que estar muito atento, não é chegar e atender, porque como é uma pessoa atrás da outra, às vezes a gente chega no final do dia... eu atendo pouco ... eu saio busco menino na escola... e aí dou uma pensada...

Pesquisador: esse pensar não é confluir...

Sujeito: não... é um repassar... sabe assim um controle de qualidade... eu não me preocupo eu me ocupo com ele... se eu sinto que eu saio preocupada, às vezes eu ligo, por exemplo, ‘estou preocupada você não saiu bem...você está jóia?’ Isto não é comum mas acontece de às vezes a pessoa não sair bem. Por exemplo, uma cliente que tem transtorno de ansiedade, ela saiu; a gente trabalhou mas ela saiu muito ansiosa, ela tinha uma prova, eu sabia o horário da prova, depois da prova eu liguei, porque realmente fiquei preocupada... eu ligo para ter notícias até porque eu não posso ficar preocupada com a pessoa não é?... não é nem produtivo; eu liguei para ela que me deu notícia, estão está bom eu te vejo tal dia... eu tento resolver, eu tento não ficar com aquilo porque aí tira você de onde você está... nem você está lá com o cliente e nem está na sua vida fazendo as suas coisas, geralmente eu tento resolver...

Pesquisador: está ótimo...

P2.

Pesquisador: Aqui estão as perguntas... se você quiser dar uma lida antes.... isso aqui é um textinho (sobre a confluência)... se a pessoa quer dar uma lida mas se você não achar necessário...

Sujeito: A confluência na relação terapeuta-cliente... da sua... [pesquisa] na perspectiva da Gestalt-Terapia (lê o texto, rapidamente, em voz alta)... Só me situa aqui... você é estudante de especialização...

Pesquisador: isso...estou concluindo agora, eu faço com a turma de módulo mensal, eu moro em Minas Gerais e uma vez por mês eu venho...

Sujeito: ah.... menina achei que você era daqui... você é do interior de Minas Gerais....

(continua lendo)... é isso mesmo... é... então vamos ver o que é que você quer...(lê a 1ª questão em voz alta) Já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o cliente?

Já... vamos ver...Deixa só eu olhar as três tá... e aí a gente volta...bom a terceira precisa de um pouquinho... mas você quer me perguntar a primeira... perguntar alguma coisa mais específica...

Pesquisador: não é exatamente isso aqui mesmo né... se você já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o cliente...

Já. Antes, início da profissão era mais comum... tá... era mais comum porque a fala do cliente quando tocava na minha experiência... em alguma coisa que estava acontecendo lá fora, embolava e ficava difícil separar... Hoje com a experiência é mais fácil separar, mais fácil me manter no eixo... saber o que é do cliente e o que é meu enquanto terapeuta... Mas mesmo assim ainda acontece, só que rapidamente eu percebo e rapidamente eu tento fazer essa diferenciação, porque o cliente de uma certa forma ele nos solicita, né? quando ele fala algo que mexe na experiência que é da gente enquanto prazeroso ou enquanto doloroso, eu acho não é? você já está pedindo um exemplo né...na segunda... pode ir falando? É porque eu me lembrei. É que eu me lembrei quando falei de prazeroso especificamente de um caso atual, me lembro até agora... me veio à cabeça... É uma pessoa que eu atendo, por volta de quarenta e poucos anos... é inteligente e muito racional, e ele solicita muito compreensões... explicações... e quando eu me pego já estou eu dando explicações, já me envolvendo na dele (ri); aí eu me afasto porque eu também acho interessante, ele é uma pessoa que me instiga, ele é muito curioso, então quando eu me pego eu acho que estou meio misturada e nós dois já estamos falando, por exemplo, tem um tema da gestalt-terapia que eu uso muito que é auto regulação e aí uma vez eu usei este termo e aí ele acha muito interessante e aí quando eu me percebo nós já estamos os dois falando de auto-regulação envolvidos em uma teoria que para mim é convidativa, é interessante, é... nós já misturamos de uma certa forma a curiosidade dele com a minha e aí quando eu percebo eu volto porque eu sei que tem a ver com a história dele... mas que me instiga também... curiosidades intelectuais, não é? Aí eu volto né... volto para ele e digo 'olha o que está acontecendo agora...'. Eu retomo, eu faço isso rapidamente de forma silenciosa... depois retorno para o processo terapêutico... Mas esse cliente é um cliente que me convida muito a embarcar e a gente misturar, principalmente nas questões racionais né. Me lembrei de um outro exemplo de uma mãe, eu também sou mãe, ela tem uma filha que é da mesma idade da minha filha, então quando ela está falando das mesmas questões de mãe... sobre os estudos... quando ela ensina tarefa... aí quando eu me vejo estou eu batendo papo com ela sobre a relação com a minha filha, imediatamente eu retomo, porque é convidativo, o cliente de uma certa forma ele nos solicita a embarcar numa confluência né..., só que eu tenho perfeita consciência disso, não estou dizendo que não embarco, às vezes embarco, mas retorno... retorno e lembro 'espera aí olha o papel de terapeuta... essa mãe está falando da filha dela... a experiência é diferente...'. Depois quando encerra a sessão eu me pergunto o quê que me fez embarcar naquela história como é que está relação com a minha filha, depois que encerra a sessão... uma coisa que eu faço muito, e isso é uma rotina minha muito antiga, geralmente, ao final das sessões... dar uma paradinha...verificar como que eu estive naquela relação sabe... se eu sofri, se eu mantive o self, se eu contribuí, se eu exagerei, se eu... o meu papel... eu estou constantemente... Momentos também que acontece a confluência é com a dor do outro... eu sou muito corporal, então às vezes o cliente está descrevendo uma dor profunda e ele está sofrendo e diz 'tem um aperto aqui no meu peito', é como se imediatamente o aperto viesse para o meu peito também... eu sou extremamente corporal... às descrições

de dor física do cliente, geralmente eu sinto. Isso eu nunca consegui desvencilhar, só consigo saber que aquela dor não é minha, mas que eu estou sentindo também, parece que a dor dele passou a ser a minha dor naquele momento.

Pesquisador: seria uma inclusão? Poderia...

Sujeito: eu acho que pode passar por uma etapa...Acho que não. Acho que naquele momento eu estou vivendo... misturando um pouco... nós estamos os dois numa dor só... embora... eu sinta...eu sou muito corporal, eu sinto mas eu consigo discriminar. Isso é muito antigo para mim, isso é algo que assim ... Se eu vou visitar um doente eu saio mais ou menos com aquela dor... o meu corpo retém muito. Mas não sei, você está me fazendo pensar se é uma inclusão? Não sei... acho que por uma outra etapa... mas não sei te responder sabe? Você me passou uma dúvida agora, ta? Mas o que é claro para mim que estas questões corporais eu consigo separar bem, que é algo já muito antigo que eu já sei separar... Eu sinto mas eu sei que aquilo é dele... que eu estou sentindo e meio que colocando ali...

Pesquisador: não fica ali tudo confuso né... você consegue separar...

Sujeito: não...exatamente... exatamente...

O choro, eu sou uma terapeuta que me emociono junto com o cliente, não sei se eu posso te dizer... eu não acho que aí é uma confluência né... é mais uma presença genuína, aí não acho que é uma confluência. Assim o que mais você quer me perguntar...

Pesquisador: é você deu aí os exemplos né na dor ou na vida cotidiana mesmo né... Essa semelhança tem relação com experiência semelhante à do seu cliente na sua vida pessoal...De repente o cliente chega trazendo algo que você já vivenciou...uma experiência parecida né... que para você parece quase igual mas que a gente sabe que não é igual porque cada contexto é diferente né...

Sujeito: se aquela experiência que o cliente chega me contando... se ela esbarra em experiência que eu já vivi... é isso...

Pesquisador: eu vivi isso recentemente... eu recebi um cliente homossexual e eu estava vivenciando uma experiência parecida com alguém muito próximo a mim... e esse cliente chega trazendo todas as dificuldades que um homossexual passa né...como que é a vida dessa pessoa... como que ela é tratada lá fora...Então eu me peguei confluindo ali né naquele momento... então ele chegou exatamente no momento em que eu estava vivenciando...

Sujeito: sim... eu até citei o exemplo dessa mãe que é o momento que eu estou vivendo com a minha filha... é exatamente o que você está perguntando nesse exemplo. Ela tem uma filha que está passando com a mesma situação, ensinar tarefa, é uma mãe que tem uma sobrecarga de trabalho, então... ela estava descrevendo uma realidade muito próxima da minha realidade atual, então quando eu me peguei é como se estivesse duas comadres batendo papo e... misturei né...e... e não tem jeito eu acho. Eu acho que a sabedoria é você perceber que você foi atraída pelo campo, que eu acho que é uma atração do campo, a força da atração do campo é muito grande... eu acredito que nós somos atraídos pela confluência quando realmente é algo que está ligado a nossa experiência... quando eu conto a experiência do cliente que é curioso, que é racional, ele está trazendo temas que eu estou estudando eu embarco... se a mãe que está vivendo a história com a filha que é parecida com a minha é um momento mais sensível, o campo tem mais chance de me atrair. Eu acho que é exatamente o que você está perguntando. Então... com certeza... se a história do cliente mexe com o meu momento atual eu tenho mais chance de confluir... Agora, eu não vejo problema em confluir, o problema é não perceber que confluiu. Perceber, então, aquele momento que você confluiu, que você



embarcou e que aquilo tem a ver com a sua história, não é? de preferência fazer essa separação durante (ênfase) a sessão..., ter esse cliquezinho rápido... voltar para o eixo... lembrar que naquele momento você é a terapeuta você não é a comadre... você não é um colega de estudo, né, e retomar e verificar o quê que aquilo tem a ver com aquele cliente né... e o quê que tem a ver... porque se você confluiu tem a ver com você também e depois fazer essa...Depois se aquilo estiver mexendo muito numa ferida existencial sua enquanto terapeuta você tem que procurar ajuda... se não... é ficar em alerta, né... eu acho que a percepção de que você confluiu é fundamental. Não sei nem o que você pensa sobre isso mas eu realmente vejo que o campo nos convida muito... é muito convidativo para confluir, e realmente a gente conflui... por mais que você seja um terapeuta exímio, centrado, vira e mexe você escapa né... só que tem que saber que escapou, que embolou, que confluiu... e se retirar né...

pesquisador: você está dizendo que você não vê nenhum mal nisso né... pelo contrário parece que você traz isso como algo que até ajuda você a compreender algumas coisas ou até a estar mais atenta...

Eu não vejo mal nisso...eu não sei se ajuda a compreender... eu acho possível de acontecer e por isso não vejo nenhum mal, porque eu acho que o campo atrai, e quando atrai tocando numa sensibilidade da sua vida atual né aí você tem mais chance de confluir né... e então vai... você é humana, você tem problemas de cá, o perigo é você não conseguir separar, esse é o perigo, tem que haver diferenciação né... porque ali tem um terapeuta e tem um cliente... existe uma relação dialógica, uma relação do 'entre' mas o terapeuta tem um papel diferenciado, né...

Pesquisador: importante é saber que está ali numa confluência... e é igual você falou... fazer a retirada...

Sujeito: isso... de preferência durante a sessão...eu não vejo problema....depois eu quero ver o resultado desse trabalho tá...

Pesquisador: e até você respondeu uma pergunta que eu fiz para outra entrevistada agora mesmo... é... se isso tem a ver com terapeuta principiante... e você respondeu a pergunta sem eu fazer a pergunta né... que isso você percebia que acontecia mais né...

Sujeito: mais... muito mais...

Pesquisador: que hoje você tem essa facilidade de fazer essa entrada e saída né mas que ele ainda acontece né... faz parte...

Sujeito: ... do processo terapêutico... é... no início as supervisões ajudavam muito, exatamente que um dos papéis principais da supervisão do iniciante é exatamente fazer que o supervisor ajude o terapeuta iniciante a fazer essa separação– o quê que é seu e o quê que é do outro 'olha nesse momento vocês embolaram aí... de repente você não está conseguindo ajudar porque você está misturado com o problema dele, né'. Era mais comum no início. Nossa! Com certeza, hoje acho que bem menos... não sei se hoje bem menos Vânia... mas acho que hoje bem menos... tem mais o eixo, tem mais essa separação... tem mais o momento por exemplo... é muito comum e eu sou muito falante, muito comum, o cliente estar falando de uma determinada coisa que aconteceu com ele e eu me lembro de alguma coisa que aconteceu comigo e é natural sabe; não é meu amigo, não vou falar sobre isso agora, não posso trazer isso agora nesse momento, a serviço de quê nesse momento né... A Jean que é terapeuta, a Jean Clark Juliano dizia muito isso, a serviço de quê, vou ajudar em quê. Então assim, no início talvez falasse, enquanto terapeuta iniciante, hoje não, hoje vem coisas que... não vai contribuir em nada na relação terapêutica para o cliente, aí você não conflui, você retira, você guarda...a naturalmente... hoje é mais tranquilo; é como se a gente colocasse uma lupa no que acontece no processo terapêutico, na relação terapêutica, especialmente com a gente terapeuta enquanto a gente transita né... é muita coisa que acontece, é um dos

movimentos que o terapeuta faz mesmo de se retirar, porque às vezes não é a serviço do cliente, às vezes é uma mera curiosidade sua, às vezes você vai colocar porque está confluindo naquele momento e você não precisa de confluir; prevê que pode confluir se você trouxer aquela história... que não é a serviço do cliente...enfim acho que já estou indo para outro lugar... (risos). Em resumo é isso.

P3.

Sujeito: (após ler o material entregue pelo pesquisador contendo o conceito de confluência e as questões) Quem é que está te orientando Vania?

Pesquisador: é a Marisete...

Sujeito: ah que coisa boa.....

Sujeito: (lendo em voz alta) Já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o cliente? É ... essa é a primeira né Vania (risos)...

Pesquisador: é... (risos)

Sujeito: Se eu me senti confluindo com o cliente....

Pesquisador: na prática clínica né... se você já teve essa experiência de se sentir confluindo com o cliente...

Sujeito: Não estou me lembrando de nada até agora Vania.... provavelmente já, mas não estou me lembrando um caso para te descrever..... é... deixa eu ver a outra ... (em voz alta lê a questão 2) Você pode dar um exemplo... aí né... (Ela lê a em voz alta a questão 3) Essa confluência tem relação com experiências semelhantes às do seu cliente na sua vida pessoal... pois é...normalmente tem né, quando a gente sente a confluência é porque tem a ver né com a experiência semelhante.... Eu não estou me lembrando de nenhum caso. A Marisete foi durante muito tempo a minha terapeuta e supervisora... é... e eu não estou me lembrando de nenhum caso que eu tenha levado para ela de confluência.... Eu devia ter te perguntado as perguntas antes né porque aí eu pensava e não te deixava aqui esperando né Vania...

Pesquisador: não... mas como se diz... o seu tempo é que... né... talvez te pressione, porque eu marquei com a M. às seis (18:00) horas...

Sujeito: o meu cliente também é às seis... não eu deixei com uma hora... você está gravando Vânia....

Pesquisador:... estou... gravando...você quer que eu dê um tempinho aqui para você pensar...

Sujeito: ... é porque você vai gravar até...

Pesquisador: deixa eu falar aqui em pouquinho para você... até a minha curiosidade a respeito da pesquisa é porque eu me percebo confluindo com meu cliente exatamente em questões que às vezes eu estou vivenciando ou alguma que eu já vivenciei... você entendeu? E aí surgiu a curiosidade da pesquisa quando eu recebi uma cliente que estava passando por problemas no casamento né e ela foi descrevendo e tal... e eu pensava assim... nossa está acontecendo exatamente isso comigo... será que daqui uns dias meu marido também vai arrumar outra né... (risos)... entende, então parece que as questões que o cliente traz remete às minhas questões né... então eu me percebo assim por alguns momentos ali confluindo com o cliente...

Sujeito: nesse você está me dizendo que você identificou mas não chegou a confluir... ou chegou a confluir...

Pesquisador: não, cheguei a confluir, misturei mesmo... sabe... a primeira sessão eu viajei logo após atendê-la... eu fazia um curso em São Paulo, e aquilo me acompanhou durante a viagem toda... então eu fiquei mesmo confluída... me perturbou... (risos)

Sujeito: Acontece muito comigo de identificar mesmo sabe Vânia... e agora de confluir... talvez... mas não estou tendo contato a respeito disso, não estou tendo nenhuma lembrança... é... Semana passada mesmo eu atendi uma pessoa que a mãe dela está internada na UTI e como eu perdi a minha avó e eu acompanhei todo o processo da minha avó na UTI, então me fez ter a identificação desta perda, mas não cheguei a ter uma confluência, foi uma identificação assim com a situação de morte mesmo, de perda, que a mãe está vivenciando aquele processo todo de UTI, de infecções... de né... e a minha avó eu perdi ela agora recentemente com isso, mas foi uma identificação eu não cheguei a confluir. Deixa eu ver se eu penso em algum outro caso... igual você está falando... em algum atendimento que remete a casal...é... (pausa grande)... (pensa alto) que eu tenha me identificado e aí misturou misturou um pouco né...

Pesquisador: porque confluência é isso né... você não tem fronteira né... é... o Ponciano fala né 'o eu não existe só existe o nós' né...

Sujeito: hum... hum... mistura mesmo né... me identifico tanto que entro na experiência do outro e me perco....

Pesquisador: é... e às vezes você conflui e retira né...

Sujeito: Será que eu poderia estar citando então esse exemplo?...mas não teve uma confluência... foi muito uma identificação, porque eu estava muito presa na minha sensação né... porque me remeteu à perda da minha avó... então não acho que me confluí, eu acho que fiquei presa em mim, acho que foi até um afastamento né... promoveu mais um afastamento da experiência dela da minha, mas não foi confluência. Deixa eu ver se eu acho alguma sabe Vania ....

Pesquisador: você não tem que achar né... porque de repente não houve mesmo...

Sujeito: será que não Vania... é tão natural... é muito natural isso acontecer... mas eu que não estou lembrando...

Pesquisador: você quer pensar sobre as perguntas e depois você... talvez me mandar essas respostas... talvez... agora né depois de ver as perguntas e assim... pensando que eu tenho que atender cliente daqui a pouquinho... né... talvez não venha... né...

Sujeito: um pacto né... foi bem específico da confluência... mas eu passaria isso escrito para você Vânia...

Pesquisador: ...é... eu perguntei isso para a Marisete né... porque seria muito mais fácil para mim se eu pudesse mandar isso para você por e-mail....

Sujeito: ...é verdade... é verdade...

Pesquisador: e ela me falou sobre a questão de que a pesquisa perde um pouco... igual você falou né... eu não sei como posso dizer... da validade... é....

Sujeito: ... do momento... da fidedignidade mesmo... eu acho que é isso né...

Pesquisador: é... mas como você está assim tão tomada né...

Sujeito: estou procurando...

Pesquisador: estou muito sensibilizada de te ver nessa busca (risos)...

Sujeito: ... e não estou achando né Vania...

Pesquisador: não é exatamente o que... porque o que ela me orientou é que era para eu vir a Goiânia e fazer pessoalmente né... mas de repente você precisa de um tempo maior para pensar sobre essa questão né... para estar entrando em contato mesmo com as questões e estar respondendo... eu acho isso tão natural... que eu posso ver com ela...

Sujeito: não, mas eu acho isso... me dá só mais um tempinho aqui, que eu acho... Se não eu fico com a sensação de você ter perdido sua viagem... e aí eu não gosto disso, eu me

cobro...você saiu de lá para vir para cá e eu não vou te dar nenhuma resposta, eu quero te dar uma resposta também, entendeu? Estou lembrando aqui de um caso, deixa eu ver se tem...(pausa). Nessa semana não teve nenhum, vou ver na semana passada.... porque eu acredito que tem muito mais um afastamento meu do que uma confluência... mais do meu jeito... (pausa grande) .... um caso... deixa eu olhar para a carinha dos meus pacientes aqui... (consulta a agenda)... para ver se vem algum .....É Vania não veio nada... não veio nada infelizmente...

Pesquisador: amanhã, não sei como fica isso para você.... amanhã eu tenho duas entrevistas que ficou para amanhã... uma ao meio-dia aqui na clínica... é... e aí eu tenho outra depois lá na República da Saúde...

Sujeito: entendi... então até uma hora da tarde você está aqui... depois você vai...

Pesquisador: até uma e meia (13:30)... você tem alguma disponibilidade ou não...

Sujeito: estou aqui pensando Vânia... tenho...antes dessa do meio-dia... eu poderia chegar aqui umas 11:30... ou coisa assim... não é...

Pesquisador: se você puder né...

Sujeito: poder eu posso... e se eu achar também alguma coisa sabe Vania...

Pesquisador: isso... de repente não tem né...

Sujeito: ... Não me recordo de nada, não estou me recordando... é... eu ligo para você pode ser? Porque eu tenho aqui o seu número registrado não tenho? Do celular Vania... não, não tenho...

Pesquisador:...(34) 9976 8373

Sujeito: Faz assim Vania, se eu encontrar alguma resposta até hoje mesmo eu te ligo. Posso te ligar? Porque se não...

Pesquisador: pode... eu vou estar lá na M....

Sujeito: como fica para você se eu não tiver nada para te falar? Tudo bem?....

Pesquisador:.. tudo bem...eu estou pesquisando... e pode ter alguém que conflui e pode ter alguém que não...

Sujeito: Vai ser eu viu Vânia que não confluí... vai ser eu na sua pesquisa ... Vou pensar? Vou... Estou pensando com muito carinho, mas não estou me lembrando e aí já está escrito na minha agenda.... amanhã até 11:30 né... porque você vai vir para cá para entrevistar so meio-dia... Conforme for, hoje mesmo te dou uma posição. Hoje eu saio daqui às nove (21:00). Eu posso te ligar depois desse horário? Vamos ver se vai vir alguma coisa né... durante a sessão de hoje...

Pesquisador: Você se importa de assinar o termo de consentimento sem ter concluído... porque às vezes a gente não encontra né...

Sujeito: claro que não... não tem importância nenhuma... e eu participei...

OBS: o sujeito ligou no horário combinado para comunicar a impossibilidade de outro encontro devido à permanência dos dados apresentados.

P4.

Pesquisador: você quer fazer alguma pergunta ter alguma informação....

Sujeito: não aqui (referindo-se ao material entregue) ficou claro... Acontece né (respondendo a 1ª questão)... não tem como não acontecer... Deixa eu dar uma puxada aqui...

Pesquisador: então é... M. você está dizendo que já vivenciou né... na prática clínica este tipo de situação né... de confluência...

Sujeito: É. Já vivenciei e vejo assim que... em alguns momentos a história do cliente ou até uma dificuldade minha pessoal né...enquanto terapeuta, esbarra, pega... né... Pelo

menos da minha experiência vejo que tem algumas situações... Quando eu consegui identificar isso.... Acho que entra muito a questão da supervisão, a importância da supervisão né... eu só tenho cinco anos de formada, então assim... estou aprendendo e vou aprender sempre, muito. Então em algumas situações, em supervisão... aquele caso que está parado, ou que não consigo por que caminho acessar, por onde investigar, para onde é... trilhar um novo caminho junto com o cliente né...nossa chega na supervisão 'está empacado ou... não estou sabendo... não estou sabendo captar aquilo que o cliente está me falando, então... acho que é muito percebido em supervisão e a importância da supervisão para dar...., para poder abrir até a gente se perceber enquanto psicoterapeuta né.... o que está acontecendo com a história desse cliente que também me dificulta a ... a... a trilhar um novo caminho junto com ele né...

Pesquisador: e aí quando é ... você quis dizer... quando... as vezes que já aconteceu com você deve ter acontecido de uma forma assim que você sentiu que a supervisão é importante até para estar te dando é... esse...

Sujeito:... até para mim me dar conta e me perceber com o que está acontecendo que não está caminhando...

Pesquisador: e aí já houve situações... você já estava confluída com o seu cliente...

Sujeito: isso... porque podem ter 'n' situações: não está investigando direito; como está o contato; como está a presença...', então depende né. Cada caso é um caso... e aí estou tentando puxar um caso aqui né... que é a terceira pergunta.

Pesquisador: essa pergunta dois... é...né... eu não sei se está tudo junto...

Sujeito: está tudo junto né... e aí você quer que dê exemplo de um caso...

Pesquisador: é... aqui é você pode dar exemplo né... e aqui...

Sujeito:.. e aqui como eu percebi... percebi na supervisão...

Pesquisador: ... e aí você lembra de qual caso que foi... ou as vezes mais de um...

Sujeito: é ... eu acho que não é que esbarra... nesse caso assim... que eu estou me recordando...não é que esbarra com a minha experiência... é muito diferente da minha experiência... então eu tinha uma dificuldade de escutar o que aquela mãe estava dizendo, coisas difíceis, pesadas, sobre a filha... diferente da minha experiência como filha... eu não sou mãe ainda mas sou filha.. então eu tinha uma diferença enorme de poder escutar aquilo que ela estava me dizendo né... porque comigo eu achava que era muito... era doído... e aí até a dificuldade de poder trabalhar com ela né...tudo aquilo que uma mãe... a mãe desejar a morte da própria filha... a mãe desejar que aconteça um acidente com a filha... e que englobava toda a questão, a história né dela né... então assim... eu tive muita dificuldade até chegar nessa clareza de que era uma dificuldade minha de escutar uma mãe dizer aquilo da filha né... e aí com a supervisão aí eu consegui perceber e... trabalhar até o meu escutar que eu estava escutando de uma mãe, de uma mãe dizendo de uma filha...que esbarra com a diferença da minha experiência de vida...

Pesquisador: e aí... eu acho até que aqui no finalzinho (do conceito apresentado por escrito) fala isso que...

Sujeito: ...tolerância das diferenças.... vindo o caso eu estava puxando aqui o... e estava lendo que tinha um parágrafo que falava assim... a minha dificuldade de escutar aquela mãe dizer aquilo daquela forma, com aquela energia sobre a filha... então assim... me pegou muito né... que eu discuti em supervisão, com a minha história de vida, da minha relação com a minha mãe, daquilo que eu desejo enquanto futura mãe né... eu acho que escutar de uma mãe que tinha um contexto, e não estava fora.... ela com os motivos dela, vamos assim dizer, motivos para isso... mas difícil de escutar né... Claro que eu só tive clareza disso depois né... na supervisão... mas no momento eu falava 'gente o quê eu esse caso não vai para a frente... Tem uma amiga minha que a gente divide

consultório, que a gente, uma vez por semana, a gente discute caso clínico, não é supervisão é encontrar para discutir caso clínico e a gente quebrava a cabeça ‘gente o que é que está acontecendo que esse caso não vai pra frente?’... Sabe quando está assim.... está amarrado, que não evolui muito né, aí a necessidade de buscar para poder... ‘gente o quê que está acontecendo com este caso, vamos andar né... porque que não está andando...’ e aí foi quando eu consegui com a supervisão perceber isso, trabalhar em mim essa tolerância do escutar... epocar o que eu vejo, o que eu sinto...é... e o que eu vivencio dessa relação mãe-filha para eu poder... dar conta de escutar né... Porque é assim.... é ali no consultório com a energia da cliente, com a forma que é falada... é... eu me senti muito impactada. No momento da sessão não né... porque você está ali conectada, concentrada né... assim... mas isso eu consegui identificar né... a minha dificuldade de escutar tudo aquilo daquela mãe... então é um caso em que eu consigo....

Pesquisador: e a sua supervisora falou da sua dificuldade de fazer o afastamento para poder ouvir...

Sujeito: é... e a supervisão me ajudou... para poder ouvir... de conseguir separar e a distanciar o que que é relação de mãe e filha para mim M. pessoa, psicoterapeuta e aquilo que estou escutando daquela cliente, né... que... como eu falei anteriormente que tem motivos e faz um sentido para ela na vida dela, na história dela com a filha dela né... Consegui distanciar né... Então tem algumas situações que eu percebo assim, eu enquanto pessoa né... porque eu não estou lá só como terapeuta, mas atrás tem uma pessoa... e eu sou muito humana, sou muito sensível... a gente impacta com algumas histórias né, não tem como, pelo menos é o que eu vejo me vendo enquanto psicoterapeuta... que me impactam, que eu fico sentida, que eu sofro também, que eu me questiono né... enquanto psicoterapeuta e enquanto pessoa... então naquele momento eu fiquei muito sensibilizada enquanto pessoa né... enquanto psicoterapeuta também... mas enquanto pessoa me pegou... M. pessoa... Eu acho que é um caso que... assim que... retrata bem a respeito da sua pesquisa. E aí depois o caso, assim, evoluiu... a gente conseguiu caminhar... consegui entrar mais com ela nessa energia que... que não foi uma sessão só, foram várias sessões né, que ela trazia muito essa energia dela com a filha é... e a gente conseguiu fazer, e fluir, e estou acompanhando o caso, porque ela está comigo, continua comigo né.

Pesquisador:... porque a minha curiosidade com relação à essa pesquisa... até foi porque na minha prática clínica eu percebo que isso acontece né... e às vezes eu até percebo que eu tenho dificuldade de fazer essa retirada... o distanciamento, igual você está falando... e me chamou a atenção sabe... será que isso só acontece comigo... e até teve um caso que me marcou muito, e eu ainda estou atendendo ela... o marido a está traindo e até saiu de casa... um contexto relacional muito parecido com o meu e me peguei pensando ‘será que daqui uns dias eu também não vou ser largada’... (risos)... então você acaba confluindo com o cliente né... ali... e fica mexida né... e com você falou a supervisão te ajudou e no meu caso também a supervisão me ajudou bastante...

Sujeito: nossa... a supervisão clareia, abre portas... nossa é ótimo... e é muito importante. Esse é um caso que é fresco assim... que eu consigo recordar... claro que tem situações... recém-formada... aquela coisa que pega mesmo... e eu acho que é isso... e assim... e eu acho interessante, que bom que acontece, que eu consigo perceber e identificar o que está acontecendo porque eu acho que não tem como não acontecer, eu não consigo, assim pelo menos comigo né, eu posso falar de mim, imaginar que não possa acontecer até com outros mecanismos né... e não só com a confluência, mas outros né, e eu acho que é assim porque é assim que a gente aprende, porque se ficar tudo assim... tá tudo tranquilo demais, me chamaria a atenção né... porque a gente é uma

construção de mudança, de interagir com o cliente, com a minha história e tudo, então... somos seres dinâmicos né, tanto o cliente como nós terapeutas, então não tem como. Assim, da minha experiência acontece, com outros mecanismos já aconteceu e que bom eu conseguir identificar e vencer né essa barreira com aquele cliente, porque com outro cliente vai vir talvez outra né, e isso eu aprendi até com a especialização mesmo...

Pesquisador: ... e outro momento em que você se sentiu confluindo e se retirando...

Sujeito: Eu sempre fiz supervisão né... então... é o que me ajudou muito, então como tinha acompanhamento, então era... Às vezes era seis meses que eu não fazia, depois continuava, então... é o suporte né que a gente tem.

Pesquisador: e necessário né... e eu acho que isso independe né de quanto anos de formada você tem né... acho que...

Sujeito: acho que sempre né ou a terapia ou a supervisão, ou até mesmo discutir o caso clínico com uma colega né...

Pesquisador: porque as vezes quem está ali de fora né... vê coisas que a gente não está conseguindo ver... né...

Sujeito:... com certeza... tem uma percepção diferente... dá um feedback... 'olha fica mais atenta nisso, você não investigou... parece que está faltando né; está faltando alguma coisa, volta no começo da infância ou da história né'. Então é uma troca, acho que precisa ter né... acho que para continuar crescendo né... Mais alguma coisa... alguma pergunta... penso que ficou claro né...

P5.

Sujeito: (segurando e olhando para a folha entregue pelo pesquisador, contendo o conceito de: confluência e as três questões da entrevista semi-estruturada) Eu estou aqui porque estou voltando para a sua pesquisa, porque eu li aquela vez e depois não olhei mais né .... estou me familiarizando com a sua pesquisa...

Pesquisador: certo... até com o tema...

Sujeito: É. (lê em voz alta) A confluência na relação terapeuta-cliente... hum... estou me lembrando dos meus pacientes... Então, se você já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o paciente... Eu estou aqui lembrando de vários... é que... não que eu senti que estivesse confluindo, mas que era um terreno perigoso que me fez ficar mais alerta exatamente para não acontecer a confluência né... então, experiências que tocam né nas minhas experiências, por exemplo, uma situação que tocou em uma minha pessoal, então 'ôpa né'... são situações que me deixam em alerta para eu fazer essa separação... e situações... é... que algumas pessoas chamam assim... de ser pega pelo campo né, situações que estão no campo né ... não necessariamente que... com um conteúdo pessoal meu mas de certa forma se eu fui pega pelo campo foi porque mexeu em alguma coisa pessoal minha, mas assim... de ir com o paciente né e não fazer aquele lugar é... é... de se colocar no lugar do terapeuta, sair com o paciente, sabe... que aí eu estou chamando de ser pego pelo campo, que aí não sei se seria bem a confluência né... mas situações assim já aconteceram e acontecem né, quando...principalmente quando eu estou em uma situação né, às vezes, é... com uma demanda muito forte né... Estou aqui tentando lembrar um exemplo né... é... estou tentando lembrar um exemplo recente, assim... é porque estou lembrando de situações de terapia de grupo e estou tentando voltar para terapia individual, porque seu foco é mais individual...

Pesquisador: é mais individual... isso...tem diferença né

Sujeito: eu acredito que tem semelhanças... mas o grupo ele em si já é um campo diferente né... que provoca situações diferentes...

Pesquisador: no grupo a figura é o grupo não é assim?

Sujeito: Isso. Mas às vezes acontece terapia individual no grupo, às vezes acontece terapia do grupo, de grupo... então tem essas diferenças...no mesmo momento pode acontecer uma ou outra... mas isso não tem... é de teoria de grupo... vamos voltar aqui para a individual porque você pede aqui um exemplo né?

Pesquisador: só para eu entender direitinho, a confluência em si você não teve essa experiência de confluir...

Sujeito: confluir não, mas de pisar em um terreno que eu tive que ficar em alerta porque se não eu iria confluir, isso sim, isso claramente.

Pesquisador: percebendo que estava caminhando para a confluência você né...se

Sujeito: aí foi um alerta para eu voltar para o meu lugar e fazer essa diferenciação, mas assim, no momento em que a situação estava acontecendo...

Pesquisador: ali na sessão...

Sujeito: na sessão... então assim... eu não fui e só depois percebi que eu tinha ido né... então na sessão... assim, mas eu estou dizendo isso de experiências mais... assim... da minha vida vamos dizer assim profissional, com Gestal-Terapeuta, mas depois de um tempo, porque enquanto eu ainda estagiária de faculdade eu acho que... era uma outra experiência, eu ainda estava meio que... hoje do olhar que eu tenho...um ano de estágio... parece que eu nem fui gestalt-terapeuta (risos) né?... não na especialização mas na faculdade. Então eu não estou nem olhando para essa época, eu estou olhando enquanto gestalt-terapeuta... com a formação de Gestal-Terapia. Estou dizendo como gestalt-terapeuta né.

Pesquisador: e enquanto principiante você percebia mais então...

Sujeito: eu não sei, eu não tenho ido para lá não né...

Pesquisador: quando você diz que você nem parecia gestalt-terapeuta você está querendo dizer o que assim?

Sujeito: (rindo) não... porque eu não sei se eu estava (risos) fazendo terapia com os meus pacientes, porque eu tenho essa sensação às vezes...

Pesquisador: (risos) se é gestalt...ou principiante né...

Sujeito: mas você nunca atendeu...

Pesquisador: ... não, eu sou principiante em Gestalt... eu vou fazer cinco anos de formada...

Sujeito: é diferente, eu estou dizendo assim.... estágio na faculdade, mas aí como eu fiz meu estágio com Gestalt-Terapia... agora... de terapia, o fazer terapêutico sabe... eu fico lembrando... aquilo ali que eu fazia não era terapia (risos) eu ficava ali só ouvindo... assim né... eu não acho que eu estava fazendo terapia com os meus pacientes... não acho que fiz nenhum estrago... quando eu me recordo porque eles ficaram um ano em terapia, então... não acho que fiz nenhum estrago na vida deles mas não contribuí... porque eu acho que a terapia ela contibui, ela tem que contribuir com a vida do seu cliente... então eu acho que eu não contribuí né...mas então foi aquela coisa ali...

Pesquisador: que é natural né a gente está ali naquele caminhar constante né... evoluindo e aprendendo a cada dia... ampliando...né

Sujeito: né...mas voltando aqui para a sua entrevista, um exemplo né... de que eu percebi que se eu fosse eu iria embora com o cliente... porque isso também assim...isso que eu estou falando assim... ‘ah eu percebi que eu ia confluir’ né... quando eu percebi, eu acho que é uma linha muito tênue, porque de certa forma eu já estava lá né? Então assim, agora eu estou aqui refletindo que não dá para você dizer ‘ah eu ia confluir aí eu



parei' porque não é uma coisa assim tão estática né, tão separadinho. Então eu acho que a partir do momento que eu percebi provavelmente eu já estava lá né...

Pesquisador: é... você permaneceu pouco tempo né..

Sujeito: ...pouco tempo... estou pensando...talvez eu fiz de uma intervenção que eu estivesse lá confluindo e aí foi o que me fez ficar alerta e voltar... mas então se eu percebi é eu acho que já estava com um pezinho lá né, porque é uma coisa fluída não tem essa separação né. Então teve um exemplo sim de uma vivência parecida... na questão profissional. Então assim,... é... como era uma vivência parecida no meu fazer profissional, né... eu acabei fazendo..., por isso eu estou vendo aqui, eu acabei fazendo uma intervenção porque eu estava lá no meio misturada, que é a questão da confluência não é? E aí ao fazer isso eu falei 'opa, espera aí essa é a minha experiência, essa é a dela', e então eu voltei. Eu tive então um exemplo assim de uma vivência profissional. Era uma cliente que era um psicólogo, que era mulher, gestalt-terapeuta, que fez faculdade na católica e estava indo para a especialização no ITGT... Então assim, né... essa característica, algumas características de personalidade dela parecidas com a minha, então assim, tinha essa vivência semelhante né e que fez aproximar aí, né... mas aí é o que eu estou dizendo assim... é... a hora que eu fiz a intervenção eu já percebi, eu tentei voltar e fazer essa separação né... que a confluência faz é essa mistura. Mas assim...O que eu fico é... é... mais vendo... assim... às vezes, não é só porque mexe no conteúdo pessoal seu, por exemplo há uma vivência parecida, mas são coisas que para mim é esse termo assim sabe, que está no campo,...é... se está no campo você está sujeito a influências daquele caráter. E aí fica, vamos dizer assim, mais fácil, não sei, de acontecer a confluência. Então eu acho assim, a gente sofre as influências do campo, o tempo todo... não tem jeito. Então, eu acho que ter essa atenção, o terapeuta tem que ter, não é não querer sofrer essa influência mas é ter consciência dessa influência que ele está sofrendo. Eu acho que aí é que você consegue fazer essa separação, porque se você está com uma vivência muito parecida né?... no caso desse exemplo que eu dei, não tinha como não ter essa influência... menina, recém-formada, psicóloga, gestalt-terapeuta, mesma faculdade, mesmo instituto, a influência estava ali, não tem como você negar a influência, mas é você ter consciência da influência que está ali, os fatores que estão no campo para você saber lidar melhor com eles né... Eu entendo que é isso assim é ter consciência do que está acontecendo, do movimento que está acontecendo....

Pesquisador: e aí nessa perguntinha número dois aqui ...é...como vc percebeu que estava confluindo... porque você diz que foi ali no mesmo instante. né?

Sujeito: É... porque foi uma intervenção que eu fiz que eu percebi..., como é que eu vou te falar... Eu fiz uma intervenção em que para onde eu estava levando a cliente, assim... o rumo que... essa intervenção é como se estivesse mais a serviço de mim do que do cliente. Ou seja, estava mais da minha experiência do que da dele, e levou ele a refletir e a pensar numa coisa exatamente como eu pensei na época, aí foi aonde eu parei né, graças a Deus a questão da saúde do paciente, então ele foi mas não foi embora, então a próxima intervenção eu consegui trazer isso para a experiência dele... Então foi nessa intervenção, na hora que eu fiz a intervenção que eu vi que era uma fala minha e que tinha a ver comigo; é aquela coisa da intervenção estar mais a favor de mim do que dele, mais a favor do terapeuta do que do paciente e o rumo que ele foi, porque quando eu vi o rumo que ele pegou a intervenção e foi que eu vi que era um rumo que não era do paciente, que era meu né. Então eu falei 'opa', e aí eu tentei trazer uma outra intervenção que fizesse ele refletir sobre a experiência dele... então o jeito que eu percebi foi ali na hora que o rumo que estavam indo as coisas tinha a ver comigo, tinha a ver com o jeito que eu fiz as coisas tinha a ver com o jeito que eu faço as coisas, nesse caso né profissional, e não a ver com ela. Então... foi assim que eu percebi, e aí que eu

volto naquilo primeiro que eu falei ‘ah eu percebi não que eu estivesse confluindo, mas que foi um alerta’...não... nessa hora eu já tinha confluído (risos), percebi rápido mas eu já tinha confluído né. Agora já aconteceu de coisas bem anteriores mesmo, de ter a fala, e aí eu já perceber que toca em algum lugar, então realmente eu não confluí, mas de perceber que tocou em algum lugar meu; então assim se eu não fico atenta poderia ser algo para confluir, e aí nesse caso, é bem anterior... não houve a confluência, não houve a intervenção mas são falas às vezes do cliente que toca em lugares que nos remetem à nossa história, mas se toca, você reconhece que tocou e volta...aí eu acho que fica claro a separação e não tem a confluência né... só tocou e você voltou né, porque a gente fica afetado o tempo todo, nós somos instrumentos de terapia né... nosso melhor instrumento de trabalho somos nós mesmos; tem uma psicóloga que diz ‘ nós somos caixa de ressonância, a Miriam Bove Fernandes fala disso, então nós somos caixa de ressonância, o que toca aqui ressoa né, então só que isso pode ser usado de uma forma muito construtiva e a favor do cliente, ou de uma forma, né, doentia e prejudicial para a relação terapêutica.

Pesquisador: é... se você não consegue fazer essa retirada né... ir e sair né,, humhum...eu acho que com essa fala você respondeu essa questão nº 3....

Sujeito: (em voz alta) esta confluência tem relação com coisas semelhantes às do seu cliente na sua vida pessoal...é... que foi o exemplo que eu dei ... esse da experiência profissional era uma experiência muito semelhante da minha vida pessoal né... então... sim.

Deixa eu fazer uma retomada então - se eu já vivenciei situações em que eu estava confluindo:sim, né, mas situações que no momento eu percebi e já tentei fazer alguma coisa com isso. Um exemplo né, o dessa minha cliente da vida profissional muito parecida... e essa confluência teve relação com experiência semelhante: sim né. Uma coisa que eu percebo na minha vida profissional é que... aí vem também o que o Hycner falou ‘o terapeuta muito cheio de ferida’, eu acho que tem mais,, eu acho que ele acaba confluindo mais porque muita coisa do cliente volta. Eu vejo muito isso na minha vida profissional. Então assim, no início da minha vida profissional, era mais cheio de feridas vamos dizer assim, então à medida em que eu fui fechando as minhas feridas, os meus atendimentos foram ficando muito melhores né... então, da terapia pessoal do terapeuta, porque isso ajuda a eliminar os perigos de confluência, porque... eu acho que isso é muito importante... é...ou para evitar a confluência... ou mesmo para saber lidar melhor com a confluência na hora que ela acontece né. Eu acho que... é ... porque é aquilo que eu estava falando do campo né, pra lidar melhor com as situações do campo, com as influências que na relação terapêutica acontece... Não sei Vânia parece que estou aqui falando não sei se é o que você queria, não sei se está bom,... é porque essas coisas... é muito perigoso fazer comigo essas entrevistas porque eu vou embora (risos), aí eu vou refletindo e aí eu não foco.

Pesquisador: não... mas está bem voltado (risos) você vai mas você volta rápido...

Sujeito: (rindo)... aí está vendo é esse o movimento que eu faço... (rindo) eu abro um monte de janelinhas e depois eu fecho e volto...

Pesquisador: esta daqui pergunte se esta confluência tem relação com experiências semelhantes as da sua vida pessoal né... que foi o exemplo que você citou né... e agora você está falando né... que toca nas sua feridas né... então é... é como... sei lá eu...eu... não é a toa que eu estou recortando né este tema né...é porque eu percebo que isso é muito fácil de acontecer sabe... e que acontece muito comigo, então surgiu a curiosidade... acontece só comigo ou será que é uma coisa... sei lá...comum de acontecer né... igual você está falando... acontece mas eu sempre volto e tal... não é sempre que eu consigo fazer isso... (risos)... eu tenho que curar muitas feridas ainda...eu estou em

terapia... então acredito que seja por aí mesmo não tem como não tocar, pelo menos comigo ainda acontece bastante...e eu me sinto confluída mesmo de ficar lembrando do cliente depois, porque ainda não estou conseguindo ainda fazer essa retirada sabe...

Sujeito: É porque aquilo que eu estava te falando né, que eu acho que no início eu não contribuía com os meus paciente, lá no estágio. Porque o perigo da confluência é você não contribuir, porque a confluência é ir para o igual e o contato se dá com o diferente né, é no diferente que o contato se dá, que dá o crescimento, que acontece a mudança, então se você fica só confluindo, só confluindo no igual não acrescenta, e o terapeuta precisa pensar essa polaridade, essa contraposição né; a terapia tem que ser um lugar diferente no mundo porque se ele faz da terapia um lugar semelhante ao que ele faz no mundo ele só vai estar repetindo a neurose, e aí o importante é voltar e ‘opa, deixa eu me diferenciar’; porque o perigo da confluência é essa de não conseguir diferenciar e não contribuir. Estou pensando aqui nessa cliente, a gente poderia ter virado amigas ao invés de uma relação terapêutica, e aí, ‘espera aí não é essa a proposta da terapia né... e aí ... o difícil que eu acho é você fazer essa separação quando é uma experiência muito semelhante à sua, fazer o cliente chegar às suas próprias conclusões e aí pode ser que ele escolha as mesmas coisas que você, mas é preciso fazer esse trabalho para que ele escolha as escolhas dele, pelo caminho dele, mesmo que seja escolhas semelhantes às suas. Então quando a experiência é semelhante tem que ter essa habilidade mesmo de fazer o cliente chegar às conclusões dele, por mais que seja parecida com as suas, mas ele precisa chegar, de onde ele está, do lugar que ele está né... Acho que é isso.

P6

Pesquisador: (entregou folha contendo informações sobre o mecanismo de evitação em pauta: a confluência, seguido das questões da entrevista semi-estruturada) V. eu fiz um recorte, recortei a confluência, então o título da minha pesquisa é esse daí e fiz esse textinho que não é o caso né para você ler.... (o sujeito leu o texto em voz alta e em seguida leu a pergunta 1, também em voz alta)

Sujeito: Você já vivenciou na prática clínica situações em que se sentiu confluindo com o cliente? Já, já vivenciei isso, já vivenciei na prática... é... quando por exemplo uma mãe está diante de uma situação onde a filha dela estava querendo morar fora, morar no exterior. E eu tenho uma filha que mora no exterior e é a minha única filha e a dela é única filha também, muito parecida a dinâmica. Então, naquele momento eu consegui, assim, vivenciar com ela aquilo que eu havia vivenciado na minha experiência particular, e eu já não sabia se eu estava ligada na dor dela ou na minha dor. Então, a dor era única. Nós éramos uma mãe né... com o útero dilacerado e recém-paridas... agora... em função d’eu ter tido né... estar vivenciando também muito sucesso da minha filha em Londres, ela já comprou o apartamento dela com o marido, ela já comprou carro... então, quando saí desse contato, dessa confluência com a minha cliente eu consegui visualizar que a filha dela também poderia confluir com o sucesso da minha né, então, ela tendo a possibilidade de também ser feliz e ter sucesso.... Então isso me ajudou a resgatar o meu centro né, e a me diferenciar dela, ... a filha dela da minha. Mas confesso que confluí o sucesso, percebe.... quer dizer, como a minha filha tem sucesso eu também fiquei um pouco na confluência,... a filha dela também vai ter. Depois a 3ª etapa foi lidar com essa mãe recém-parida como eu estava, visualizando a possibilidade de trabalhar o insucesso da filha... entendeu?

Pesquisador: entendi

Sujeito: Então, eu confluí para estarmos na mesma situação, me diferenciei dela quando percebi que a minha filha tinha sucesso, confluí na fantasia de que a filha dela também

teria sucesso como a minha e depois desconfluí quando comecei a trabalhar com a mãe a possibilidade da filha também não ter sucesso. Mas isso processos internos né, claro que a paciente não toma contato com nada disso. Então foi assim que eu me senti confluindo mesmo.

Pesquisador: Certo, você entrava e saía

Sujeito: Eu entrava e saía. É um exemplo de como eu percebi que eu estava confluindo (referindo-se à questão 2). Então foi nesse sentido. (leu a questão 3 em voz alta): Esta confluência tem relação com experiências semelhantes às do seu cliente na sua vida pessoal? Sim. Tem muita semelhança e tem uma questão interessante Vânia que Sartre diz assim ‘nada que é humano me é estranho’... nada que é humano me é estranho, então tudo o que o ser humano de alguma maneira vivenciar eu também já vivenciei. Nós confluímos por sermos seres humanos. Então a maior confluência que existe é que somos humanos. Então temos sempre alguma coisa de igual.

Pesquisador: sempre vai tocar né...

Sempre vai tocar em alguma coisa que é minha, que é sua, né...e... então acho isso um aspecto interessante. Por outro lado, assim, na minha experiência em que eu me senti confluindo, o confluir para mim me ajuda a compreender a dor que o outro está sentindo... então, quando a confluência é vista de um aspecto positivo,

Pesquisador: saudável...

saudável. Porque eu dei um exemplo para você da confluência saudável, eu percebi que eu fui, mas eu consegui me diferenciar, né... Realmente teve uma fusão entre eu e essa mãe, não tinha uma fronteira de contato, nós duas estávamos vivendo uma dor semelhante, né... e depois eu voltei. Então eu acho que esse 1º momento, assim inicialzinho da confluência, ele tem o aspecto positivo de eu conseguir visitar o mundo do outro, agora se eu permaneço no mundo do outro, se eu permaneço e não consigo resgatar a fronteira, né...o que é meu, minha filha diferente da filha dela, ela é uma mulher que não tem a vivência que eu tenho no exterior,...Então, ela é ela e eu sou eu. Então depois, devagarzinho, eu fui diferenciando. Mas em um 1º momento foi uma confluência,...

Pesquisador: mas durante a sessão mesmo?

Sujeito: durante a sessão. Não, durante a sessão, quando ela me falou ‘olha, eu vim aqui te procurar porque estou com uma filha que quer morar fora, estudar fora e tal’, então nesse momento eu falei ‘ai que dor, nossa! O que eu vivi... a filha dela está indo embora, essa mãe está se sentindo parida’... então na hora eu me senti assim. Mas em seguida eu consegui diferenciar... ‘não, tem o aspecto positivo da ida também’, então fui percebendo que ela é uma mulher goiana, que não tem experiência no exterior que para ela provavelmente seria mais difícil do que foi para mim, que entre eu e ela tinha uma diferença né, mas no 1º momento... E tive uma outra experiência Vânia, que um cliente meu havia falecido, e a mãe chega dizendo que havia perdido um filho, também. E nesse momento, eu percebi durante a sessão inteira, percebi que as lágrimas que desciam do meu rosto, dos meus olhos não eram apenas pela filha dela, mas eu estava chorando pela morte de um paciente meu... eu não consegui me separar, separar o que era meu do que era da paciente... e eu disse para ela na primeira sessão, que se ela ficaria incomodada de procurar uma outra pessoa para atendê-la, porque eu também estava passando por uma situação de perda e que naquele momento a minha audição estava comprometida, e que eu não conseguiria atendê-la. Então essa foi uma experiência que eu sabia que eu ia permanecer confluída, e eu não conseguiria ajudá-la.

Pesquisador: hum... mas em todas as vezes você se percebeu...

Sujeito: Nessas duas situações sim, nessas duas situações eu percebi. E talvez a questão seja em até que ponto o aspecto saudável da confluência né... não poderia facilitar o processo terapêutico.

Pesquisador: é... até de estar...seria o que... uma inclusão?

Sujeito: então... qua...porque..

Pesquisador: porque tem... assim a diferença é muito tênue, né, se você consegue fazer a retirada né e voltar, né... a diferença é muito tênue...

Sujeito: é muito tênue.... porque aqui quando você definiu a confluência você definiu como aspecto negativo né: não contato, fusão ou ausência de fronteira, né, na sua discriminação...

Pesquisador: é como é definido nas fontes onde eu busquei né...

Sujeito: ...não se diferenciam... é... a confluência torna impossível né o contato de fuga, evitação, ou retirada, tá,.. então... impossibilita a tolerância de diferenças e tal; tem um é... o Alejandro, não sei se naquele livro 'de volta para casa', ele coloca o aspecto positivo da confluência...

Pesquisador: A inversão da Queda, Mitos e Transcendência... (o sujeito repete minha fala em voz alta)

Sujeito: ... dá uma olhadinha, porque ele fala também do aspecto saudável da confluência também né...Importante a gente confluir dos mesmos ideais... em alguns objetivos... né... Ele toca até na questão do casal, quer dizer, se não tiver nenhuma confluência... os dois né... então também não tem crescimento. O problema me parece que é o confluir e o desconfluir, nem sei se existe essa palavra desconfluir, é o fazer contato e saber repassar, porque a confluência patológica eu me misturo e já não sei quem sou eu.

Pesquisador: é... e aí que é não-saudável e que na relação terapêutica é um entrave, digamos assim né...

Sujeito: (confirma) ...é um entrave...

Pesquisador: mas você está falando do aspecto positivo da confluência né...

Sujeito: Isso...Então, talvez, já que o projeto é a confluência na relação terapêutica ou na perspectiva da Gestalt-Terapia... faltou um tezinho aqui...talvez verificar o quê que tem de positivo e de negativo nela, né...na relação terapêutica... porque eu te disse que me ajudou a não ter fronteiras com ela porque eu compreendi a dor dela né... é... e a diferença disso com a inclusão...Talvez valesse a pena você refletir sobre isso, que vc acha?

Pesquisador: seria bastante rico né, eu vejo com a Marisete... né...

Sujeito: Agora... vivenciar com algum cliente onde eu me perdi... não... onde eu fui e não voltei,... não.

Pesquisador: e assim... em... em terapeutas principiantes... no início, se voltar lá... quando você começou a atender... será que essa é uma coisa mais de principiante...

Sujeito: talvez viu...

Pesquisador: porque você ainda não tem aquela prática...eu acho... e...não sei talvez não tenha dado tempo da pessoa... ainda não tem muitos anos de terapia para curar essas feridas... né...

Sujeito: ...Você está fazendo com amostra? Quais são seus... a sua amostragem?...

Pesquisador: terapeutas com mais de 5 anos de formada...

Sujeito: ah... com mais de cinco...

Pesquisador: ... não fiz com essa intenção de pesquisar um e fazer comparação com outro... sabe... então, são 7 terapeutas que ...

Sujeito: Deixa eu te dizer... eu não sei se só o tantos anos de formada, eu acho que depende muito da vivência... da qualidade da vivência... qualidade da vivência... porque quando eu te falei, por exemplo, da minha filha, a qualidade da vivência foi muito positiva, foi dolorosa mas... eu consegui... me ajudou a que vivenciasse a separação, e a separação foi muito boa para mim, foi muito boa para ela... então aí... parece que quando... eu estou falando de mim né... na minha experiência quando é algo positivo dá para ir e vir... quando foi a vivência da morte eu fui e fiquei. Então eu acho que tem a ver com a qualidade da vivência, com o tema... talvez um tema que a pessoa tenha resolvido de uma maneira mais integral... eu resolvi essa coisa da minha filha, então eu confluí, e senti a dor dela, pralálá...pralálá... mas... shiiiiii... saí. Da moorte...

Pesquisador: você estava ainda... estava em processo... né

Sujeito: ...de luto? Estava

Pesquisador: porque tem esta questão também né... que ainda estava ali...

Sujeito: ... tem essa questão também...

Pesquisador: da sua filha você já tinha vivenciado... já tinha elaborado isso, já tinha conseguido ver os aspectos positivos...então você já estava... digamos assim, numa fase mais adiantada né... da elaboração disso né... depois o cliente trouxe uma questão que é atual para você né... que você ainda está dentro né...

Sujeito: isto...Eu acho que... você tinha pensado nisso, em discutir isso....

Pesquisador: não...não...

Sujeito: eu acho que são essas coisas, depende da temática da confluência. Então tem assuntos que te... que as gestalts estão abertas... então, temática... A outra questão é a elaboração da temática, o quanto que eu já elaborei né... é presença da temática, o quanto que essa temática é figura para o terapeuta ou quanto que essa temática é fundo para o terapeuta. Então, para mim, falar da minha experiência com a minha filha parece que era mais 'fundo' que 'figura', e a dor da morte era mais figura do que fundo, e aí, na confluência se é minha figura eu vou e não volto se é fundo eu vou e volto... eu acho que foi mais ou menos assim... são aspectos para você discutir... Você já entrevistou outras pessoas?

Pesquisador: você é a última das sete...porque a Marisete tinha me pedido dez, mas algumas pessoas eu não consegui, e aí ela falou 'não... sete está bom...'

Sujeito: Então é isso, você acha que te ajudou?

Pesquisador: uhummm...e aí se for para você resumir tudo isso aí que você me disse você resumiria como...

Sujeito: eu resumiria assim: a confluência na relação terapeuta-cliente, na perspectiva da Gestal-Terapia é um dos mecanismos inevitáveis que ocorre no 'entre', acho que ocorre. O que é importante é o terapeuta perceber como ele está confluindo, se está confluindo, porque às vezes o terapeuta está confluindo e nem percebe, em função do que ele está confluindo. E na medida em que ele percebe que está vivenciando isso, é... a necessidade de recorrer a uma supervisão ou a uma psicoterapia. É ter essa clareza. E no processo de atendimento, é ficar mais atenta às intervenções, e às posturas, até ao tom de voz, porque a pessoa que conflui, como você mesma colocou aqui, ela não possibilita o outro lidar com o que é diferente. Então ficar muito atento quando o cliente disser algo que não tem absolutamente nada a ver com a vivência, é o terapeuta ficar atento a como é que ele está reagindo a essa diferenciação, caso ele se encontre confluído. Acho que é isso Vânia.

P7

Pesquisador: aqui está um textinho sobre confluência (o sujeito lê em silêncio)...

Sujeito: ótimo... você já está gravando... bom com relação à 1ª aqui né... pode ser por ordem...

Pesquisador: pode...

Sujeito: Se eu já vivenciei na prática clínica situações em se sentiu confluindo com o cliente. Certamente... várias vezes... eu diria para você que em algumas situações até a confluência leva a gente a uma possibilidade de entendimento mais razoável é... mais profundo... daquilo que o cliente está trazendo. Então eu não vejo, necessariamente a confluência como algo negativo, desde que a gente saiba... por isso que é importante ter a questão da consciência né, da awareness... quer dizer desde que a gente saiba o que está rolando... desde que a gente saiba entender que este é um mecanismo do meu ponto de vista necessário em muitas situações, mas que a gente saiba depois fazer a desfusão né, se é que essa palavra existe...mas então, permitir-se em alguns momentos fundir-se com o cliente... ou sair dessa...deixar-se estabelecer essa fronteira de contato, mas depois entender qual foi esse movimento, e retomar. Eu acho que a confluência exige de nós, seja na prática clínica, ou não, na nossa prática cotidiana, ela exige de nós... ela requer esse movimento paralelo d consciência do quê que a gente está falando, de apropriação do movimento. Porque uma vez quê que você conflui sem essa consciência, você não retoma o estado de não-confluência, você não faz a retirada. Então eu acho que a prática clínica inclusive é propícia a isso, porque se pergunta né, se tem a ver com as experiências semelhantes, tem tudo a ver. Na verdade, eu vejo que a terapia, o processo terapêutico, ele é o 'entre', mesmo porque ele não funciona só para o cliente, eu me pego muitas vezes enquanto terapeuta usando daquilo que eu estou acabando de dizer para o meu cliente... porque está muito colado. É um contato muito colado, muito próximo, é um contato confluyente mesmo.

Pesquisador: usando...

Sujeito: Usando para mim...usando para a minha vida.

Pesquisador: usando a sua própria fala...

Sujeito: usando a minha própria fala que seria direcionada para ele...para mim também...então eu me escuto e aquilo serve para ele, no caso dele, na situação que ele está trazendo, mas serve para mim... também... exatamente em função desse momento em que as experiências parecem partilhadas. Então é interessante porque eu vejo que tem um insight para lá e um insight para cá. Tem um para fora e um para dentro de mim...

Pesquisador: que é o que você está falando que é o entre...

Sujeito: é...não é exatamente um insight... o insight é lá do cliente... a fala... a enunciação daquilo que está sendo descoberto, daquilo que a gente está vendo, as iluminações do caminho é... elas servem pra lá e servem pra cá. Então a relação terapêutica também me ilumina. É isso que eu estou dizendo. E eu acho que isso é muito rico, porque a Gestalt permite viver isso sem é... muita culpa... sem achar 'poxa eu não posso me beneficiar disso que... que está acontecendo aqui no nosso 'entre'...

Pesquisador: eu tenho que ficar só a serviço ...

Sujeito: '... eu tenho que ficar só a serviço porque estou num degrau acima, porque o meu patamar é outro, porque sou o cara que sabe, né...'. Essa assimetria, quando ela é diminuída ela enriquece o contato, propriamente dito, ela enriquece a construção desse encontro... entre terapeuta e cliente. Então eu vejo isso acontecendo com muita frequência, mas quando eu te disse, ele é um movimento que não pode ser...ele não pode ter uma constância.elel não pode ter uma permanência... então... eu não posso permanecer confluindo. Eu acho... eu vejo a coisa como se fosse assim ó...são dois rios paralelos, se a gente pudesse fazer uma metáfora, são dois rios paralelos e em alguns momentos eles tem que se separar de novo... mas esse momento da fusão eu não acho

necessariamente ruim. Eu acho que até em algumas situações Vânia...é... quando você percebe... é... quando a gente percebe um atravancamento no contato... um empacamento na relação terapêutica, eu acho que o movimento de confluência pode ajudar o contato a ser restabelecido... porque eu acho que tem dentro desse mecanismo um... eu acho que tem um direcionamento empático grande também dentro do movimento de confluência, dentro do mecanismo de confluência eu acho que tem também o fluir empático né... e é claro, à medida que isso vai acontecendo, e à medida em que a gente tem awareness sobre isso, a gente se torna consciente e toma posse da coisa... eu acho que o movimento vai ficando menos neurótico, exatamente porque parece que a gente vai tendo um domínio sobre ele, é quase que uma auto-percepção do tipo 'agora eu sei que estou confluindo, então, deixa eu estabelecer as bases, ou o processo como essa confluência vai acontecer...'.  
Pesquisador: aí naquele momento eu sei dessa minha necessidade para estar até contribuindo com o cliente...

Sujeito: exato...é assim que eu vejo né. E aqui... (lendo em voz alta a questão 2) um exemplo como percebeu que estava confluindo... Eu acho que em tudo isso aí que a gente falou né... como é que a gente percebe a confluência... quando a gente se pega por exemplo, no meu caso pessoal... é quando eu me pego me servindo daquilo que eu estou falando... então, nesse momento eu acho que tem sim uma certa fusão ou uma iluminação dessa fronteira de contato. Porque é muito interessante, eu posso te dar um exemplo de situações em que a minha fala dirigida ao cliente emocionou a mim, então eu vi uma emoção do lado de lá mas eu também me senti... me senti contatando... me senti emocionada com aquilo. Então nesse momento a gente sabe né... que tem quase uma fusão. E aí você me pergunta... faz-se o quê com isso, não fica problemático para o terapeuta esse movimento de aproximação tão grande...tão intenso do cliente?. Eu acho que a experiência prática vai fazendo a gente perceber quais as nuances desse mecanismo que a gente começa a usar, e essa percepção permite que a gente recue... eu percebo que a prática possibilita as entradas e as saídas desse movimento de confluência... até por uma questão de auto-preservação né... porque você imagina... eu terapeuta fazendo um movimento clínico de confluência e permanência nesse confluir, eu não dou conta de atender... daqui a pouco o cliente me leva com ele... eu fico com o cliente em mim...

Pesquisador: o meu recorte não é por acaso eu me percebia fazendo isso... sabe... que eu levava eles para casa...

Sujeito: não significa que a gente deixe de fazer isso... que a gente deixe de carregar... eu acho as vezes ainda fica ressoando algumas coisas que são fortes, que são semelhantes mesmo ao que a gente... essas a gente né... elas reverberam um tempo... mas esses efeitos costumam ser minorados também com o tempo, e com a prática... e com a quantidade de pessoas... com a diversidade de experiência que você vive... porque cada cliente traz um encontro diferenciado. Então, às vezes, até a confluência, o movimento do confluir não serve para um determinado cliente, ele vai achar aquele contato demais para ele... mas tem outros que precisam, tem outros que esperam, mesmo que não seja consciente ou dito né... o que eu costumo brincar sempre é que a terapia não pode virar chá com bolo, se eu começo a confluir demais, a ponto de querer sair dali para continuar o papo... é... tem um problema aí... aí essa fronteira precisa ser estabelecida e eu acho que essa tarefa é nossa... de terapeuta. Por isso que nesse momento essa awareness tem que ser mais nossa do que da relação, do que da compartilhada... eu acho que é uma consciência que a gente desenvolve e precisa ser colocada a serviço da relação mas ela não precisa ser compartilhada na relação... quer dizer eu percebo isso e não preciso dividir com você, minha cliente...



Pesquisador: e aí você viu a questão nº 3...

Sujeito: então... a número três... (em voz alta) essa confluência tem relação com experiências semelhantes as do seu cliente... Sim, é o que eu disse, tem... eu acho que é por causa da semelhança que a confluência acontece... aquela situação, aquela experiência... e aí é que está né... mesmo que a pessoa não viva um evento ou um contexto similar ao meu, ela pode dentro do contexto dela, que é muito diferente, ter sentimentos, desejos, afetos, necessidade, dúvidas, angústias, tarará...que são parecidas com as nossas... com as minhas, mesmo que a situação não seja idêntica. Eu acho que o que é semelhante... na verdade... é a condição existencial que a pessoa traz, independente de ser uma situação x ou y, por exemplo, eu não sou mãe, mas consigo entender sentimentos que as mães tem com os filhos, angústias e etc. porque são sentimentos parecidos com os que eu tenho com pessoas com as quais eu não tenho a relação de maternagem... porque senão você teria que exigir... se o terapeuta não soubesse fazer esse desprendimento, se ele não vivesse coisas diversas e tivesse também todo tipo também de sentimento, sensação, etc. você teria restrições 'ah não, eu quero um terapeuta com mais de tantos anos, casado, que tenha tido filhos, que tenha passado por uma experiência de divórcio para eu poder falar da minha situação... ou então o contrário 'eu não quero ninguém que tenha vivido algo parecido comigo porque senão a pessoa vai usar a experiência dela'...; não é isso que a gente faz, a gente não usa a nossa experiência, mas a fala do paciente quando ela se conecta com coisas que eu já vivi, senti, pensei, duvidei, etc., eu acho que o contato é facilitado.

Pesquisador: exemplo de prática clínica em que você percebeu claramente que estava tocando em coisas suas...você lembra de alguma?

Sujeito: deixa eu pensar... eu acho que posso licitar uma situação de um cliente que eu tive que tinha uma dificuldade muito grande e aquilo atrapalhava a vida dele, ele tinha uma dificuldade grande de se posicionar e de fazer amizades, de inserir. Ele era jovem, estava acabando de sair da adolescência, entrando na faculdade ainda bastante jovem, e eu me lembrei de mim, porque um momento marcante na minha vida foi a transição do Ensino Médio para a faculdade, porque aí eu pude me livrar de uma série de rótulos que eu tinha carregado até aquele momento para criar outra identidade né. Então essa experiência que ele trazia, essa angústia, esse desejo, essa demanda, me tocava muito de perto... porque eu via nele um pouco do que eu vivi... exatamente... num outro contexto, numa outra época, com outro tipo de configuração familiar, mas com demandas internas e afetos muito parecidos. Então, é claro que aí a vigilância que a gente faz é para não ficar dizendo 'olha eu também já passei por isso', porque ai eu acho que entra num nível muito próximo ao aconselhamento... Eu acho que receber a experiência do outro sabendo que ela se conecta à nossa é bom porque facilita o contato 'eu sei do que você está falando'...eu posso te dizer isso com o meu olhar, eu posso te dizer isso com uma frasezinha, sem precisar contar a minha história, sem precisar que ela entre cena, porque o protagonista não é o terapeuta, então eu digo... a gente pode contar coisas pessoais numa terapia gestáltica? Pode... mas ela não é a protagonista, o que eu posso contar é para ilustrar, para confirmar, para dizer 'olha!... Olha no meu olho que eu sei do que você está falando!'...

Pesquisador: só se for para ajudar o cliente...

Sujeito: isso... e só se for para ajudar o cliente e sem protagonizar a cena... porque senão daqui a pouco a gente está falando de mim... eu conto o meu caso para o meu cliente e nós estamos falando do meu caso, da minha situação, da minha experiência, não é essa a função da terapia, eu acho que não...